

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS

NADVANIA ALEXANDRE LIMÃO

**RELAÇÕES DE GÊNERO E MOVIMENTO SINDICAL: RELATOS E VIVÊNCIAS
DAS MULHERES NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE
UIRAÚNA-PB**

CAJAZEIRAS – PB

2015

NADVANIA ALEXANDRE LIMÃO

**RELAÇÕES DE GÊNERO E MOVIMENTO SINDICAL: RELATOS E VIVÊNCIAS
DAS MULHERES NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE
UIRAÚNA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia
- apresentada a Coordenação do Curso de
História, do Centro de Formações de
Professores (CFP), da Universidade Federal de
Campina Grande (UFCG), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Moreira Neto

CAJAZEIRAS – PB

2015

NADVANIA ALEXANDRE LIMÃO

**RELAÇÕES DE GÊNERO E MOVIMENTO SINDICAL: RELATOS E VIVÊNCIAS
DAS MULHERES NO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE
UIRAÚNA-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia
- apresentada a Coordenação do Curso de
História, do Centro de Formações de
Professores (CFP), da Universidade Federal de
Campina Grande (UFCG), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Licenciada em História.

Aprovado em: 13 / março / 2015

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Mariana Moreira Neto
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Maria Lucinete Fortunato
Universidade Federal de Campina Grande
Membro


Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Universidade Federal de Campina Grande
Membro

Prof. Esp. José Antonio de Albuquerque
Universidade Federal de Campina Grande

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

L732r Limão, Nadvania Alexandre

Relações de gênero e movimento sindical: relatos e vivências das
mulheres no sindicato dos trabalhadores rurais de Uiraúna - PB. / Nadvania Alexandre
Limão, 2015.

95f. : il.

Bibliografia.

Orientador(a): Mariana Moreira Neto.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Historiografia – trabalhadores rurais – Uiraúna - PB. 2. Relações de gênero. 3.
Sindicato dos trabalhadores rurais. I. Moreira Neto, Mariana. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –930:347.156(813.3)

Dedico a Deus e a minha família pela força
durante toda caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar ao meu lado, não me deixando desistir.

A minha família, especialmente aos meus pais pelo investimento que fizeram, pela confiança depositada e por me encorajar quando achava que não conseguiria realizar algo.

A minha orientadora Professora Dr. Mariana Moreira Neto, pelas ricas contribuições para a conclusão dessa etapa tão importante em minha vida.

A todas as pessoas entrevistadas, que se dispusera a falar de suas vidas, dificuldades e sonhos realizados, cuja contribuição foi essencial na construção desse trabalho.

Ao meu namorado pela paciência e companheirismo, sempre me dando força mesmo não entendendo a dimensão do trabalho.

A minha amiga Giliane Apinages de Alencar pelo apoio quando necessitava.

Enfim, a todos os mestres, pela grandiosa participação no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

“A esperança tem duas Filhas lindas, a indignação e a coragem; indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem a mudá-las” (Santo Agostinho).

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar como foram e são construídas e vivenciadas as relações de gênero no Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Município de Uiraúna - PB, desde a sua formação em 1972 até os dias de hoje. Seguindo uma corrente historiográfica social, visando compreender a trajetória de homens e mulheres através dos movimentos sociais (feminista e sindical) que fervilhava a partir de 1970, por melhores condições de vida, igualdade entre os sexos dentro dessas instituições coletivas e a invisibilidade feminina na trajetória dos sindicatos, o trabalho problematiza, através de relatos orais (entrevistas) realizadas com associados que viveram e participaram ativamente dessa organização e da luta sindical, e análise de alguns documentos internos (fichas dos associados, estatuto do sindicato, as atas), como são elaboradas, reelaboradas e compreendidas as relações de gênero. Nesse sentido, procura analisar os limites, as dificuldades, os conflitos e as desigualdades manifestadas por homens e mulheres dentro dessa instituição criada para defender os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. O exercício desse trabalho proporciona uma reflexão sobre o reconhecimento do sujeito e suas capacidades de transformar a realidade social, e discutir a trajetória de vida dos trabalhadores e trabalhadoras rurais na busca pelo reconhecimento enquanto sujeito de direito e examinar o papel de gênero na construção e constituições do SRT de Uiraúna - PB.

Palavras-chave: Relação de Gênero. Sindicato. Trabalhadores Rurais.

ABSTRACT

This research aims to analyze how they were and are constructed and experienced gender relations in the Rural Workers Union in the city of Uiraúna - PB, since its formation in 1972 until the present day. Following a social current historiography, to understand the history of men and women through social movements (feminist and labor) that seethed from 1970, for better living conditions, gender equality within these collective institutions and women's invisibility in the trajectory trade unions, the paper discusses, through oral reports (interviews) conducted with members who lived and actively participated in this organization and trade union struggle, and analysis of internal documents (records of members, union status, the minutes), as are drawn up, reworked and included gender relations. In this sense, analyzes the limits, difficulties, conflicts and inequalities expressed by men and women within that institution created to defend the rights of rural workers. The exercise of this work provides a reflection on the recognition of the subject and their ability to transform social reality, and discuss the trajectory of life of rural workers in the quest for recognition as a subject of law and examine the role of gender in the construction and constitutions the SRT Uiraúna-PB.

Keywords: Gender Ratio. Union. Rural Workers.

LISTA DE SIGLAS

STR - Sindicato Dos Trabalhadores Rurais

ONU - Organizações das Nações Unidas

CUT - Central Única dos Trabalhadores

CNMT - Comissão Nacional sobre a Mulher

CNDM - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

PAICM - Plano de Assistência Integral a Mulher

PT - Partido dos Trabalhadores

PS - Partido Socialista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ENTENDENDO AS IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E SINDICATO	15
2.1 Participação política das mulheres rompendo fronteiras	16
2.2 Construções sociais da desigualdade de gênero	18
3. MOVIMENTO SINDICAL E O FEMINISMO NO BRASIL A PARTIR DE 1970....	23
3.1 Novos modelos e novas mulheres; ou o velho se renovando	24
3.2 O neoliberalismo e os novos desafios à luta das mulheres	29
4. CONSTRUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE UIRAÚNA-PB.....	35
4.1 O sindicato de trabalhadores rurais: luta sindical ou direito a aposentadoria?	36
4.2 As mulheres mostram a cara no sindicato.....	41
4.3 As relações de gênero no espaço sindical: relatos e vivências	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	58
ANEXOS	5962

INTRODUÇÃO

Entender como acontecem às relações de gênero no espaço sindical a partir dos relatos e vivências das mulheres que participaram da constituição e organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Uiraúna-PB. Essa é a principal motivação que orientou a realização desse estudo, sobretudo, a partir da compreensão de que os estudos de gênero representam uma interessante ferramenta de análise das relações sociais e das interações entre homens e mulheres nas múltiplas esferas da atividade humana. Assim, o espaço sindical surge como uma relevante área para a compreensão das relações entre homens e mulheres, na interface com as lutas por direitos e por espaços e novas relações de poder.

A escolha do tema e dos aportes conceituais trabalhados se destaca, ainda, quando se observa as várias concepções que enfatizam o poder masculino sobre o feminino. Por ser uma temática complexa, que aborda diversos campos: social, cultural, econômico, étnica, geração de emprego e renda, a pesquisa buscou suporte nos relatos e nas vivências e experiências das mulheres trabalhadoras rurais. Considera-se ainda a importância desse estudo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Uiraúna- PB, por ser hoje uma instituição que questiona e combate à usurpação incessante do capitalismo, a luta por mais igualdade dos sexos e por ser um centro de organização da sociedade uiraunense.

O trabalho buscou problematizar como foram sendo construídas as relações de gênero em um lugar marcadamente masculino. Desde o seu surgimento no ano de 1972 o sindicato vem mostrando de forma lenta empenho de luta contra os ataques do capitalismo, exemplo: na defesa e na organização dos interesses econômico, político e social dos associados. Constitui hoje também essa entidade um meio de luta por direitos e espaços políticos, onde grupos de mulheres e homens lutam por seus direitos dentro e fora do sindicato. Uma luta por melhoria das condições de trabalho e de vida, buscando ainda criar possibilidades para a valorização de aspectos importantes da vivência cotidiana dos trabalhadores, como atividades culturais e lúdicas.

Toda a produção do trabalho foi marcada pela orientação de que as experiências e vivências das mulheres trabalhadoras rurais no espaço sindical são transversalizadas pelas relações de gênero. Dessa forma, este estudo não pretende discutir uma identidade do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Uiraúna, mas busca compreender como se elabora e se dá significado às diferenças entre os sexos, as formas como são atribuídas os deferentes papéis na prática sindical e como a prática sindical desqualifica a atuação feminina.

No que concerne ao percurso metodológico esse se conduziu por meio da utilização de um conjunto de métodos que consistiram na delimitação do problema, na análise e interpretação dos dados a partir de um conceitual teórico aportado nos estudos de gênero, das relações sindicais e das implicações históricas e políticas. Nesse sentido, o trabalho se orientou por pesquisas explicativas de cunho qualitativo. Este tipo de pesquisa aprofunda do conhecimento da realidade e, segundo Gil (2007), tem como preocupação central identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Também foi fundamental, como aporte teórico metodológico, a pesquisa documental, com a utilização de atas, de propostas de ações do sindicato e registros dos filiados.

A importância da utilização dessas questões teórico-metodológicas reside no fato de permitir ao investigador uma riqueza de fontes de informações, esclarecimentos e que serve também de prova para outros de acordo com o interesse do pesquisador.

Além da pesquisa documental foram realizadas entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras rurais filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Uiraúna – PB¹. A partir da análise das entrevistas se buscou apreender como eles constroem um entendimento sobre o que é ser trabalhador rural, o que é ser um sindicalizado e como as questões das relações de gênero são vivenciadas e compreendidas no âmbito do espaço sindical.

As entrevistas foram semi estruturadas, concebidas e realizadas tendo como encaminhamento um esquema básico de questionamentos que permitiram a flexibilidade dos temas abordados na medida em que possibilitaram ao informante se expressar espontaneamente e ao entrevistador questioná-lo, ou solicitar acréscimos, facilitando a ampliação e o aprofundamento e enriquecendo a investigação.

O presente trabalho, portanto, está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado Entendendo as implicações conceituais entre gênero, feminismo e sindicato, constrói uma articulação conceitual das relações de gênero, considerando que o uso do termo gênero é utilizado muito além do significado puramente gramatical, mas como ferramenta explicativa dos atributos específicos que cada cultura estabelece ao masculino e ao feminino, a partir do lugar social e cultural construído hierarquicamente. Portanto, essa construção social de gênero coloca que as identidades e papéis masculinos e femininos não são fatores biológicos vindo da natureza, mais construções históricas e que podem ser modificadas.

¹ Foram entrevistados oito trabalhadores, sendo, um é ex- presidente, seis são associados e a atual presidenta. Dos entrevistados, quatro são mulheres e quatro são homens. A escolha dos entrevistados teve, como elementos determinantes, o fato de serem ou terem sido ocupantes de cargos de direção dentro do sindicato, ou pela facilidade de acesso e de registro de memória sobre a história do sindicato.

No segundo capítulo, Movimento sindical e o feminismo no Brasil a partir de 1970, é apresentada a discussão sobre o encontro entre movimento sindical e o feminismo no Brasil a partir de 1970. A análise é conduzida no sentido de compreender os limites e dificuldades encontrados pelas trabalhadoras na luta pelos seus direitos dentro do espaço sindical, ou seja, as desigualdades salariais entre homens e mulheres que exercem a mesma atividade, a luta pelos 120 dias de licença a maternidade, a irregularidade no registro na carteira de trabalho quanto à natureza do trabalho realizado. A partir dessa compreensão através de discursos teóricos se busca entender como esse processo repercute nas relações entre homens e mulheres e também perpassa a prática sindical no âmbito do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Município de Uiraúna.

O terceiro capítulo, O sindicato de trabalhadores rurais: luta sindical ou direito a aposentadoria? Analisa a organização e construção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Município de Uiraúna, desde o seu surgimento no ano de 1972, tendo como principal suporte metodológico as entrevistas com os trabalhadores e trabalhadoras rurais sindicalizados buscando compreender a vivência das relações de gênero no âmbito sindical, a partir da experiência e das elaborações que os trabalhadores constroem e que revelam como são compreendidas as desigualdades de gênero reveladas, por exemplo, na inexpressiva presença e atuação femininas no espaço sindical, principalmente, nas instâncias de decisão.

2. ENTENDENDO AS IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E SINDICATO

O campo de estudo de gênero vai se constituindo como uma ferramenta de análise das relações sociais e das interações entre homens e mulheres como decorrência das lutas feministas e como tentativa de formulação de varias possibilidades de explicações teóricas sobre a opressão das mulheres, buscando também compreender as relações estabelecidas entre os sexos e os papéis que cada um assume em uma determinada sociedade. O conceito de gênero como uma possibilidade de análise das relações sociais aparece como desdobramento do desenvolvimento capitalista que aumenta as desigualdades entre os sexos. Como exemplo pode citar a compreensão elaborada sobre a mulher vista apenas como *senhora* do lar, sensível, com *limitações intelectuais* e, portanto, incapaz de comandar e de decidir, enquanto o homem passa a ser visto como um ser supremo perante a sociedade. Essa desigualdade passou também a se refletir a partir de aspectos como raça, etnia, posição econômica, credo religioso.

O conceito de gênero surge, assim, como possibilidade de explicação das formas de representações tanto do ser homem como do ser mulher em um contexto de relações desiguais entre os sexos. Assim sendo, gênero significa, cultural e politicamente, que o ser homem e mulher é produto de uma realidade social e não uma determinação biológica.

Gênero tem sido, desde 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença de sexual. Foi inicialmente utilizada pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos “sexos” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais”-a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres (SOIHET,1997, p. 279).

Segundo Guacira Lopes (1996) o conceito de gênero surgiu, no Brasil, a partir da década de 80 para responder à problemática da condição feminina, negando a naturalização das desigualdades de papéis sociais e propondo explicar o processo de construção tanto do masculino como do feminino a partir das interações sociais, políticas, culturais presentes no cotidiano das relações entre homens e mulheres enquanto sujeitos políticos. Essa categoria de análise passou a ganhar autonomia nos meios acadêmicos nos discurso de vários meios de comunicação, disputando espaço com os estudos “da mulher” trazendo mudanças e novas perspectivas para o campo teórico sobre a história das mulheres e também sobre as relações entre masculino e o feminino.

Para Eleonora Menicucci (1999, p. 70) “[...] gênero é a categoria que explica a relação de poder entre os sexos e nos dá a dimensão social da desigualdade sexual com base na naturalização dos sexos”. Essa mesma compreensão é partilhada por Faria e Nobre (1997) quando afirmam que o conceito de gênero foi trabalhado de início pela antropologia e pela psicanálise, situando as construções das relações de gênero na descrição da identidade dos sexos, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos. Portanto esse conceito veio responder a vários impasses e permitir analisar tanto as relações de gênero quanto a construção da identidade de gênero em cada pessoa, e que essa construção é produto do meio social, e que suas condições de produção são variáveis e historicamente determinadas.

2.1 Participação política das mulheres rompendo fronteiras

Nesse sentido, para as mulheres o exercício de cargos de chefia representa uma transgressão que se sustenta em processos destrutivos que se assentam na construção de sua personalidade. Além do mais, para serem reconhecidas profissionalmente, as mulheres, nessas posições, são, na maioria das vezes, obrigadas a se esforçarem mais que os homens para conseguirem o trabalho desejado.

Outro exemplo pode ser observado quando se analisa a distribuição de tarefas entre homens e mulheres, sobretudo, no mundo do trabalho. Normalmente, o argumento da incapacidade intelectual e da fragilidade sexual da mulher é utilizado, embora de maneira sutil, como justificativa para que as mulheres não assumam funções de comando ou mesmo, não ocupem funções no mundo do trabalho, ainda majoritariamente pensado e planejado a partir da perspectiva masculina.

O uso da categoria gênero nos estudos e pesquisa na área da saúde no trabalho contribui e alarga a compreensão do fenômeno do processo saúde e doença que, a partir da complexidade dos fatores que nesse caso intervêm, introduz a dimensão de poder crivada pela desigualdade sexual para explicar os diferentes impactos que a exposição aos mesmos riscos químicos, ergonômicos e psíquicos nos locais de trabalho provoca no homem e na mulher (OLIVEIRA, 1999, p. 71).

Portanto, gênero enquanto uma possibilidade de análise histórica permite uma leitura diferente das relações sociais entre homens e mulheres, ou seja, o pensar e o agir dentro de uma determinada sociedade não podem ser visto sem considerar o caráter de gênero que transversaliza as maneiras de ver e dizer a realidade. Nesta perspectiva, a questão de gênero

estar ligada á forma como a sociedade cria os diferentes papeis sociais e os variados comportamentos e atribuições que são classificados como masculinos e femininos.

Na atualidade, a utilização do conceito de gênero ajuda a romper com as dicotomias antes colocadas como: divisões entre público-privado, produção-reprodução como também busca a compreensão das práticas sociais nas diversas esferas. Esse conceito de gênero permite também trabalhar generalizações e particularidades ao permitir a percepção do significado do gênero na sociedade como um todo, ou na experiência individual ou de um grupo.

Para Scott (1990, p. 14), por exemplo, “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos e o primeiro modo de dar significados ás relações de poder”. Para Faria e Nobre (1997) gênero nos trouxe várias contribuições quando possibilita a compreensão de que a construção social do gênero não é um fator biológico vindo da natureza, mas algo construído historicamente e que, portanto pode ser modificado de acordo com uma determinada sociedade. Possibilita ver também o que há de comum entre as mulheres porque mostra como homem e mulheres estão agrupados na sociedade e, como, as mulheres vivem na sociedade e quais condições são estabelecidas para esta vivência.

Portanto essa característica de gênero, esboçada como uma forma de análise histórica traz para a discussão a tematização e a problematização das relações de gênero na perspectiva cultural. Essa noção aponta para o fato de que a vida social, como, por exemplo, o espaço, o tempo são produções sociais e através do sistema de representações, definem e instituem lugares e espaços masculinos e femininos, naturalizando esses lugares e esses espaços. Ou seja, gênero torna uma maneira de indicar as construções sociais.

Relações de gênero não é produto de um destino biológico, mas, antes de tudo, construções sociais que têm uma base material. Assim, elas formularam, quanto à divisão sexual do trabalho, um quadro que permitiu conhecer simultaneamente a realidade e não mais os estereótipos do trabalho feminino em todo aspectos e por especificar sexualmente o trabalho masculino. Um trabalho paralelo desconstrução /reconstrução dos conceitos usualmente utilizados (OLIVEIRA, 1999, p. 67).

Neste sentido, o conceito de gênero pode ser entendido como instrumento que facilita a percepção das desigualdades sociais e econômicas entre homens e mulheres, oferecendo também possibilidades mais amplas de estudos sobre a mulher percebendo-a em sua dimensão relacional com os homens e com o poder. Com o uso desse instrumento, pode-se analisar o fenômeno da discriminação sexual e suas implicações relativas á classe social.

A importância do conceito de gênero é fundamental para análise das relações sociais, pois nos permite ver como são instituídos os atributos masculinos e femininos e também por considerar que estas relações são relações de poder que hierarquizam as posições de homens e mulheres.

2.2 Construções sociais da desigualdade de gênero

Segundo Cunha (2004) desde a antiguidade percebemos a divisão de tarefas. A mulher era responsável pelo cultivo da terra e a coleta dos frutos, o cuidado da casa e dos filhos e pela educação dos membros da família, e os homens pela caça e a pesca.

Com o passar do tempo essa relação de gênero constituída entre mulheres e homens foram se transformando em desigualdade, onde as mulheres foram vista como um ser vulnerável tanto do ponto de vista físico como intelectual. Portanto essa desigualdade de gênero é uma construção e desenvolvida por uma sociedade que percebe a mulher como um ser frágil, sensível sem capacidade de ocupar determinados cargos marcadamente masculinos.

Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mais da forma como as pessoas vão aparecendo em uma determinada sociedade e em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explica os mecanismos que conformam esses papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais (FARIA & NOBRE, 1997, p. 12).

Segundo Deis Siqueira (1997) a desigualdade aumento com o advento do capitalismo, devido às transformações rápida tanto na economia, na educação, na política e no surgimento de novas tecnologias provocando transformações no sistema de vida tradicional das pessoas. Com essas transformações as mulheres foram incorporadas ao comércio, na prestação de serviços em setores industriais, mas em condições precárias subalternas e ganhando menos que os homens e não tendo seu trabalho devidamente reconhecido e valorizado como deveria ser. Já outras continuavam mantendo seus papéis tradicionais na família como principalmente no cuidado da casa, dos filhos e na educação dos membros familiares criando seus filhos conforme o que a sociedade define o que ser mulher o que ser homem para melhor desempenhem os papéis correspondentes. Os atribuídos às mulheres não só era diferente dos homens, são também desvalorizados. Por isso, as mulheres viviam em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens.

Os processos de produção da desigualdade raramente aparecem como uns processos sociais, normalmente não apresentados como questões naturais em parte de uma essência dos seres humanos. Assim, se diz que a pobreza é fruto da preguiça e estórias extraordinárias são contadas, louva os espaços que enriquece. As mulheres são consideradas incompetentes, frágil, apropriada para o trabalho doméstico (FARIA & NOBRE, 1997, p. 48).

O processo de construção de uma maneira diferente de perceber o ser homem e o ser mulher vai ocorrendo no compasso das mudanças políticas e sociais desencadeadas pelo desenvolvimento do capitalismo, sobretudo, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Uma situação que desencadeia uma conscientização feminina acerca das injustiças que vitimam mulheres nas áreas econômicas, políticas e sociais. Exemplos desse quadro de desigualdades são vistos na indústria onde as mulheres exercem as funções de embaladoras, montadoras, costureiras, ou seja, funções que exigem habilidade manual considerada leve. Outro exemplo que reforça essa desigualdade entre homens e mulheres ocorre nas escolas onde as tarefas de meninos e meninas é diferente, as meninas praticam esportes mais leves por causa de sua capacidade física. Nos meios de comunicação as funções femininas são também naturalizadas, sendo apresentadas e relacionadas a temáticas e espaços considerados femininos como moda, beleza, decoração, culinária e etc.

Além desses exemplos expostos acima hoje as mulheres apresentam níveis de escolaridade maiores que os homens, e continua realizando trabalho considerado desqualificado enquanto os homens que não tem uma qualificação formal conseguem ascensão e promoção em cargos elevados como chefia e recebe os melhores salários.

A rigor, a posição subordinada da mulher enquanto trabalhadora salariada tem sido tratada como consequência de sua mentalidade familista e anticapitalista, de uma “mística feminina” que a conforma á família e lhe torna estranha o trabalho coletivo. A mulher levaria para o domínio do trabalho coletivo as determinações sociais do seu sexo, tais determinações em ultimo análise, seriam aquelas incidentes sobre o seu papel na família, sua expressividade, seu afeto, sua capacidade de integrar paralelamente por falta de qualificação sua irracionalidade e sua pouca instrumentalidade (PENA, 1981, p. 34).

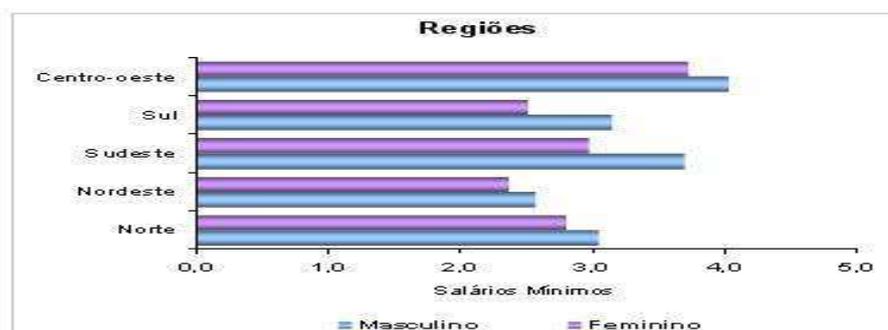
Como vimos até agora, a profissionalização das mulheres tem ainda como entrave as tarefas de cuidado dos filhos e da casa, sendo ainda percebida e classificada como sexo frágil. Isso se reflete na sua inclusão no espaço público, sobretudo, no mundo do trabalho.

As mulheres fazem arranjo para conciliar o trabalho remunerado em casa por necessidade. Isso demonstra que seu direito ao trabalho é reconhecido de maneira apenas formal, por falta dos direitos sociais que garante as condições de exercê-lo. Elas continuam sendo consideradas cidadãs de segunda categoria. E isso representa para as grandes maiorias das mulheres uma situação permanente de trabalho precário, em piores condições, menores salários e jornada extensa (FARIA & NOBRE, 1997, p. 38).

Segundo Michelle Perrot (2008), essa forma de ação coletiva no espaço público entre homens e mulheres não foi fácil, as mulheres foram criticadas, desvalorizada, violentada como também um objeto de posse dos homens, um ser incapaz de ocupar determinados cargos marcadamente masculinos. Isso acontece até os dias de hoje em determinada países apesar das mudanças e lutas das mulheres por seus direitos e pelo seu protagonismo e autonomia.

No Brasil percebe-se que, apesar dos avanços em todas as áreas - econômicas, políticas, educacional - e por ser considerada uma das maiores economia do planeta, ainda vigoram valores e atitude discriminatória sobre a mulher tanto com relação a conquistar de direitos como as diferenças salariais. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro e Geografia e Estatístico (IBGE) em 2010 as mulheres recebiam em media 2,8 salários mínimos, enquanto a remuneração dos homens era de 3,5 salários. Isso evidencia que ainda persiste a desigualdade salarial instituída e normalizada pelas relações capitalistas. Essa desigualdade de renda pode ser mais bem vislumbrada no gráfico a seguir que apresenta a situação salarial de homens e mulheres cada região do nosso Brasil.

GRÁFICO I – MÉDIA SALARIAL ENTRE HOMENS E MULHERES – 2010



Fonte: IBGE / Censo Demográfico 2010

Outro exemplo dessas desigualdades e que revelam traços culturais fortes das relações sociais marcadas pelo patriarcalismo e pelo machismo na sociedade brasileira, apesar dos avanços e das conquistas sociais e políticas e com a consolidação de práticas democráticas, que colocam como principio a igualdade entre os sexos. Isso não tem tido reflexo direto na participação das mulheres nas instancias de poder e de decisão. Hoje a participação feminina

na esfera do poder ainda é muito baixa, que pode ser evidenciado, por exemplo, nas eleições de 2010, quando apenas 9% das cadeiras da Câmara Federal e 10% do Senado foram ocupadas por mulheres. Essa desigualdade expressa na atualidade tem decorrência na estrutura política, social e cultural do país que, tradicionalmente, ainda considera a mulher como inapta e incapaz de exercer cargos ou funções públicas relevantes e que exijam posição de decisão.

Como mostra Suplicy (1996) no Brasil somente em 1932 é que as mulheres conquistam o direito ao voto, sem que essa conquista representasse, contudo, uma maior participação feminina nas esferas públicas. No campo político, por exemplo, em 1936 no primeiro mandato do parlamento federal com a participação feminina as mulheres representaram 1% das cadeiras.

No Brasil, o direito de voto às mulheres foi instituído por Getúlio Vargas em 1932, como o novo código eleitoral (decreto 21076), que passa a vigorar de fato em 1934. Nesse ano, nas eleições convocadas para a Assembléia Constituinte, entre os 214 deputados é eleita uma única mulher: Carlota Pereira de Queiroz. Berta Lutz foi eleita primeira suplente pelo distrito federal e em 1936 ocupa uma cadeira na Câmara Federal. Entre os 40 deputados classistas, encontra-se Almerinda Garcia (SUPLICY, 1996, p. 130).

Em 1960 a representação política da mulher passou de 1% para 7% um aumento desproporcional a participação das mulheres na vida social e política do país. Isso se deu devido à referência do gênero masculino modelar todos os espaços públicos e limitar a vivência das mulheres em todas as esferas da vida pública do país.

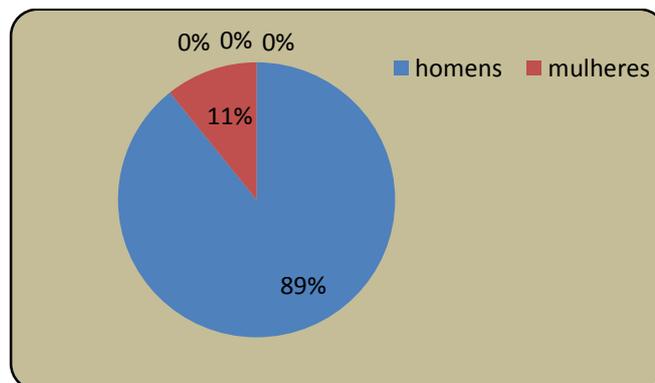
Nos Sindicatos essa trajetória da desigualdade de gênero não foi diferente do espaço político. Apesar de ser uma instituição criada para defender os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, oprimidos, massacrados e desvalorizados pelo sistema capitalista. Essa instituição foi palco de uma trajetória de desigualdade entre os sexos. A participação feminina foi sempre vista pelos homens apenas como uma companheira de luta, um complemento e um apêndice responsável pelas tarefas que exigia cuidado e “delicadeza”. Elas não eram admitidas como protagonistas, pois eram consideradas incapazes de assumir cargos considerados naturalmente masculinos. Um dos principais argumentos usado era a “natural” inabilidade feminina para comandar e impor decisões.

A exclusão das experiências das mulheres do “outro generalizado”, a experiência da alteridade ou de incompleta “experiência compartilhada” entrelaça-se com outros processos da prática de exclusões. As mulheres, líderes sindicalistas, não controlam certas “tecnologias de poder”, tais como o palanque, um assento na mesa de negociações, o microfone nos comícios, ou o discurso nas assembleias. As exclusões tautologicamente justificariam sua

reprodução. Falta às mulheres “muita prática em política”, expressão comum entre os membros da diretoria do Sindicato (CASTRO, 1995, p. 31).

As mulheres, portanto, eram consideradas sem voz e sem ação dentro dos sindicatos, sobretudo, no exercício de postos e funções como presidência, secretaria e tesouraria. Também é visível que a participação feminina nestes espaços era pequena, sobretudo, quando se considera que, em muitos momentos e contextos políticos, o trabalho feminino no campo foi sempre visto apenas como uma “ajuda” ao trabalho do companheiro, do marido, do pai. Situação expressa nos dados revelados no gráfico a seguir que traz a situação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais no Município de Uiraúna- PB, na década de 1970.

Gráfico 2: Percentual de homens e mulheres sindicalizadas



Fonte: Informações coletada no STR de Uiraúna- PB

Como visto o índice de mulheres sindicalizadas era muito baixo justificado pelos relatos de muitas mulheres que apontam o desinteresse em se sindicalizar por não ser uma questão “para mulheres” e por representar mais uma sobrecarga de trabalho, consumindo o tempo que, naturalmente, elas teriam para dedicar aos cuidados da casa e dos filhos. Uma posição que reforça e, de certa forma, naturaliza as desigualdades de gênero. Desigualdades que começam a ser problematizadas com o movimento feminista e o movimento sindical que, a partir da década de 1970, começam a serem incomodados com a ausência ou a invisibilidade feminina nos espaços públicos.

3. MOVIMENTO SINDICAL E O FEMINISMO NO BRASIL A PARTIR DE 1970

No Brasil, a partir da década de 1970, mesmo com a vigência da ditadura militar, começam a serem articulados alguns movimentos sociais que vão desencadear mudanças significativas nas relações sociais. Dentre esses movimentos destacam-se o movimento sindical e o movimento feminista, que conseguem romper com valores e práticas políticas tradicionais proporcionando novas formas de ação e atuação das mulheres que vão às ruas em defesa de seus direitos, mostrando que são capazes de interferir na vida política do país, mostrando também que são capazes de assumir determinados cargos marcadamente masculinos, bem como traçando um novo perfil de organização dos sindicatos, que começam a exigir uma desvinculação da tutela estatal e representar, de forma mais autêntica, as reivindicações dos trabalhadores.

O ressurgimento do movimento feminista, nos anos de 1970, foi marcado por mudanças significativas na organização da sociedade brasileira, sobretudo, considerando a característica marcadamente autoritária e a forte repressão política e militar vigente no país. Um contexto que inibia a participação das mulheres no espaço público embora, numa outra perspectiva, as mulheres já tinham uma grande participação ativa no mercado de trabalho e nos centros universitários. O movimento feminista brasileiro que ressurge nos anos de 1970 teve forte influência das feministas européias e norte-americanas que começam a lutar, de forma livre, por seus direitos e por uma presença e atuação mais efetiva das mulheres em todas as instâncias da vida pública. Como incremento a esse movimento a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher, o que possibilitou uma ampla discussão das condições políticas, sociais, econômicas das mulheres nas múltiplas sociedades contemporâneas em várias partes do planeta.

No Brasil, o Ano Internacional da Mulher teve vários e significativos desdobramentos, com o surgimento de grupos de mulheres que passam a se organizar em associações de bairro, em universidades, com o debate através da mídia. Esses grupos começam a trazer para o cenário político a discussão sobre violência contra a mulher, construção de creche, assistência à saúde, acesso à educação, melhores condições de trabalho, direito a aposentadoria para a agricultura rural, reforma agrária etc. Esse feminismo resistente se proliferou através dos grupos por diversas regiões brasileiras assumindo uma nova bandeira de luta no processo de redemocratização do país.

Só mais recentemente, a partir de 1975, com a instauração do Ano Internacional da Mulher, as brasileiras retomaram o movimento feminista, atuando em grupos de estudos e programando jornadas de luta e campanhas de mobilização. Integradas com os movimentos democráticos, as feministas brasileiras engrossaram fileiras nos movimentos pela anistia, por liberdades políticas e por uma constituinte livre e soberana (TELES, 1999, p. 14).

Assim como o movimento feminista o movimento sindical assumiu um importante papel no movimento de luta pela redemocratização do país. Esse novo sindicalismo reclamava o fim da tutela sindical do Estado. Como uma nova organização, onde dava às mulheres oportunidade juntos com os homens de reivindicar seus direitos e aumentar o ingresso cada vez mais na militância sindical, procurou também acatar as reivindicações cotidianas dos trabalhadores e trabalhadoras e incentivar a utilização de greves nas fabricas como a greve dos metalúrgicos no ABC, região metropolitana de São Paulo que ficou registrado na história do nosso país como um marco no processo de reorganização sindical e inaugurando novas relações políticas entre a organização sindical e o Estado brasileiro.

3.1 Novos modelos e novas mulheres; ou o velho se renovando

Esses novos modelos de movimentos sociais davam continuidade a muitas das reivindicações que foram abafadas pela ditadura militar, na década anterior. Reivindicações como, melhoria no sistema de saúde, assistência às vitima de violência, carestia dos produtos, direito a uma melhor educação, conquista de uma legislação trabalhista para a mulher, melhoria no trabalho rural e urbano. Também trouxe para essa nova trajetória temas até então pouco valorizados ou ausentes do pensamento das esquerdas tradicionais, levantando discussões acerca da democracia falsa e reivindicando direitos frente ao Estado autoritário, direitos esses que foram silenciados e massacrados com o golpe militar em 1964, períodos esses, onde muitas mulheres foram torturadas, presas e obrigadas à deixa o país de origem por suas posições contrárias ao governo autoritário. Foi em meio às turbulências políticas dos ditos “anos de chumbo” que as mulheres saíram às ruas para lutar por seus direitos com uma perspectiva diferente das movimentações políticas anteriores quando as mulheres permaneciam na invisibilidade política.

[...] o movimentos social de resistência ao regime militar seguiu ampliando-se, novos movimentos de liberação se uniram às feministas para proclamar seus direitos específicos dentro da luta geral, como por exemplo, os negros e

homossexuais. Muitos grupos populares de mulheres vinculadas às associações de moradores e aos clubes de mães começaram a enforçar temas ligados a especificidades de gênero, tais como creches e trabalho doméstico. O movimento feminista se proliferou através de novos grupos em todas as grandes cidades brasileiras e assume novas bandeiras como os direitos reprodutivos, o combate à violência contra a mulher, e a sexualidade. O feminismo chegou até a televisão revolucionando programas femininos, nos quais agora, junto às tradicionais informações sobre culinária, moda, educação de filhos etc. apareciam temas até então impensáveis como sexualidade, orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica (QUIETOTI, 2013, p. 97).

Segundo Oliveira (1999) a aproximação entre sindicalismo e feminismo foi bastante interessante ao favorecer a discussão acerca da luta pela compreensão dos trabalhadores em sua integralidade física, psíquica, emocional, social. Ou seja, entender os sujeitos sociais como trabalhadores e trabalhadoras, trazendo para o espaço sindical questões de desigualdade que conferem lugares e destinos distintos a homens e mulheres na sociedade, como também a lutar em busca da transformação na vida cotidiana das pessoas que sofriam com as opressões das autoridades do estado e do sistema capitalista.

Nos anos 70, a estratégia dos movimentos feminista e de mulheres foi investir no resgate da auto estima. No Brasil, a tática de grupos de reflexão/conscientização foi combinada com o saber em uso das comunidades, por organizações voltadas para interesses por serviços, nos bairros. Nos sindicatos, um caminho similar foi tentado, com a criação dos departamentos de assuntos da mulher e secretarias nacionais, ao nível de centrais (CASTRO, 1995, p. 50).

Portanto foi nesse período de 1970 que os sindicatos começaram a viver uma intensa experiência de problemas políticos e de gênero, impulsionados pelos grupos de trabalhadoras que viviam na sociedade, situações de conflitos. Nesse momento, muitas mulheres trabalhadoras que também começavam a militar no movimento feminista começam a levar para o debate sindical a discussão de questões como direito ao aborto, a luta por melhores salários, direito a aposentadoria, a dupla jornada de trabalho e a violência da mulher em todos os âmbitos.

[...] Por antagonismo, mais vociferados no final dos anos 70, por aliança sobre materiais específico entre o então chamado “movimento das mulheres” e o movimento feminista autônomo- autonomia relativa no caso de algumas organizações com relações com partidos políticos-, um feminismo clássico foi estruturado no plano sindical. Um feminismo re-elaborado, no qual “interesse de gênero” foi se integrando a reivindicação por condições de vida e de trabalho, tidas como de interesse imediato das mulheres trabalhadoras (CASTRO, 1995, p. 35).

Esse encontro entre os dois movimentos foi cheio de conflitos, ambiguidades, desafios e vitórias na trajetória das mulheres na luta pela transformação. Segundo Castro (1995), um exemplo desse desafio que as mulheres tiveram que enfrentar foi expresso no Primeiro Congresso das Mulheres Metalúrgicas de São Bernardo dos Campos, na região de São Paulo, em 1978, onde elas reivindicavam por melhores condições de vida.

[...] trabalhadoras, além de criticar as relações de capital e trabalho, direcionavam as suas críticas contra a exclusão por conta de gênero imposta pelos companheiros- de partido, de sindicatos, de cama-, como a cesura à sua participação nos sindicatos por marido e amantes, muitos deles reconhecido como liderança sindical, em nome dos rituais de privatização das mulheres, ou ordenanças de horários de reuniões difíceis de serem conciliados com as tarefas de casa (CASTRO, 1995, p. 34).

A união desses movimentos também contribuiu para estimular os trabalhadores e trabalhadoras a caminhar em defesa de seus direitos através das greves como a dos operários do ABC paulista, em 1978, que ficou registrado na história dos brasileiros como um importante momento de defesa da construção de outro modelo de sociedade, sem opressão e desigualdade.

Segundo Castro (1995) essa luta por transformações no mundo do trabalho através desses movimentos de resistência logo de início já trouxe mudanças. A mulher ia, pouco a pouco, sendo reconhecida e aceita no espaço público. Em 1976 as mulheres já representavam 25% dos trabalhadores na indústria na região metropolitana de São Paulo. Em 1985, 31% dos trabalhadores do setor bancário do país são mulheres. E, nas indústrias químicas elas são 30%. Em outras áreas de atividade as mulheres também começam a ganhar projeção, a exemplo da mídia, onde a mulher ganhou poder de destaque nos programas de televisão, jornais e outras redes de comunicação relatando temas relacionados à violência contra mulher, à igualdade de direitos, à participação política e sindical, entre outros. Entre as mídias que, neste momento, passam a tratar e a dispensar atenção as questões das mulheres destacam-se: o Jornal Brasil Mulher (1975-1979), Nós Mulheres (1976-1978) e Mulherio (1981-1987), que tiveram inegável contribuição na luta das feministas contra a opressão no campo político, econômico, social.

No campo sindical as mulheres iam conquistando espaços nas esferas de decisão assegurando sua cidadania e mostrando que eram capazes de compreender e transformar a realidade. Portanto as mulheres tentavam conquistar espaços públicos e, ao mesmo tempo, buscavam apresentar novas visões no lidar com as diferenças e mostrando que também eram capazes de ocupar determinados cargos que antes só eram exercidos por homens.

Muitas queixas e relatos sobre a discriminação e a segregação sexual conseguem sair das paredes domésticas em que até então estavam enclausuradas e tornam-se fontes de denúncias e de demandas de novos direitos. Tais atitudes conseguem atingir os alicerces das relações sociais questionando os principais espaços coletivos: o local de trabalho, a prática sindical e a própria família (GIULAN, 2004, p. 645).

Esses movimentos de resistência (feminismo e sindicalismo) avançaram por todos os países, com as mulheres passando, cada vez mais, a ganhar visibilidade na sua luta para decidir sobre sua sexualidade, sua reprodução e sua posição na sociedade capitalista. Na década de 1980, o Brasil também foi palco do surgimento de vários outros movimentos sociais que trazem a mulher e as questões de gênero como foco principal². Essa fase foi caracterizada pelo surgimento de outros temas nas agendas das feministas e dos sindicatos. Um destes temas foi à busca de reformas no espaço público através da forte participação das mulheres que cobram mudanças, sobretudo, na esfera do poder com transformações de instituições decisivas para a condução dos destinos do país. Além da reorganização nas agendas dos movimentos, esse período foi marcado por uma aproximação cada vez maior da luta das mulheres frente ao Estado, na exigência pela efetivação de seus direitos.

Esses avanços dos movimentos, feministas e sindicais, pela igualdade de gênero encontram justificativa no aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, e, nesse sentido, possibilita uma participação maior das mulheres nos sindicatos e em outras instâncias organizativas dos trabalhadores, como as centrais sindicais, que se organizam tendo como principal objetivo a defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. Uma mobilização que teve a participação importante das feministas com suas reivindicações em torno das discriminações no mercado de trabalho e desigualdade de gênero, por melhores condições de vida, contra a violência no local de trabalho e no lar, e reivindicando também a ampliação do espaço de atuação das mulheres nessas instituições. Instituições que, segundo Oliveira (1999) torna-se um campo cada vez mais interessante para as mulheres denunciarem a precariedade de suas condições de vida e de trabalho e para reivindicar seus direitos.

[...] na agenda política da CUT, e, sobretudo, introduzindo temas considerados problemáticos e polêmicos, como a questão saúde integral da mulher que passou a merecer espaço especial dentro da comissão, incorporando as

² Além das mulheres operárias, nesse momento, outras categorias começam a se organizar politicamente em torno da luta por direitos e por reconhecimento da cidadania. Destacam-se os movimentos das mulheres trabalhadoras rurais, das negras, das lésbicas.

reivindicações feministas, campanhas contra a esterilização das mulheres e a luta pela legalização do aborto e a reivindicação do afastamento, no primeiro trimestre da gravidez das mulheres que trabalha com a radioatividade, produtos químicos e em contato direto com o público (OLIVEIRA, 1999, p. 39).

A influência das mulheres em consequência do movimento feminista, no interior da nova organização sindical, pode ser visualizada com a criação, junto aos sindicatos e as centrais sindicais, de comissões e departamentos de mulheres. Espaços que, além de serem determinantes no aumento da sindicalização feminina, passam a funcionar como importante campo de denuncia das desigualdades de gênero no mundo do trabalho e também favorecendo a que as mulheres rompessem o silêncio que, tradicionalmente, lhes foi imposto. Como consequência desse processo, em 1986, no II Congresso da Central Única dos Trabalhadores (CUT) foi criada a Comissão Nacional sobre a Mulher (CNMT), com o objetivo de desenvolver ações e debates no âmbito da Central Sindical. Uma das principais questões levantadas foi à luta pela licença maternidade de 120 dias, além da luta contra a violência em todos os âmbitos, a defesa de uma política pública de atendimento a saúde integral da mulher, aposentadoria, educação, desvalorização dos salários e outras situações de desigualdade. A atuação das mulheres no interior dos sindicatos com a criação desses departamentos, comissões permitiram construir uma democratização no interior dessa instituição, dando direito à mulher na tomada de decisão coletiva, acabando com o machismo nesse âmbito e incorporando, embora de forma ainda lenta, suas reivindicações específicas.

E foi também na década de 80 do século XX, como repercussão da mobilização feminista, que surgem departamentos e comissões dentro das estruturas partidárias e no plano governamental. Uma das entidades que surgem nesse período é o Conselho Nacional dos Direito da Mulher (CNDM), criado em 1985, com o objetivo de discutir ações que assegurassem a participação das mulheres nas atividades política, econômica e social. O CNDM organizou vários eventos e campanhas em todo o país mobilizando as mulheres a reivindicar na Assembléia Nacional Constituinte³, a construção de uma legislação mais igualitária. Esses avanços feministas através dos departamentos, comissões, conselhos criadas dentro dos sindicatos, dos partidos representou uma ruptura com os modelos até então vigentes no país, mostrando que as mulheres também têm o direito de participar das decisões de poder dentro da sociedade, de um espaço igualitário dentro de qualquer estabelecimento publico ou privado.

³É um organismo colegiado que tem como função redigir ou reformar a constituição, a ordem político-institucional de um Estado, sendo para isso dotado de plenos poderes ou *poder constituinte*, ao qual devem submeter-se todas as instituições públicas.

As propostas e os projetos elaborados no início dos anos 70 e começo dos anos 80 pelos movimentos sociais através das comissões e dos departamentos criados teve como desdobramento, sobretudo, em torno das mobilizações para a participação na elaboração da Constituição Federal de 1988. Também, como consequência dessas mobilizações foi implantado o Programa de Assistência Integral à Saúde da (PAISM), no Ministério da Saúde, são implantadas, em inúmeras cidades brasileiras, delegacias de atendimentos a mulher. Para as mulheres trabalhadoras rurais, é assegurado o direito à previdência social, a licença a maternidade, reconhecimento do trabalho da mulher rural e sua integração nos sindicatos, direito de registrar no seu nome os títulos de propriedade de terra. Outras questões mais subjetivas também começavam a entrar na pauta do debate do movimento sindical.

Foi na 4^o Concut que a proposta pela legalização do aborto foi levada pela CNMT na plenária final para a deliberação, mais as dirigentes CNMT ainda tiveram de vencer a resistência do coordenador dos trabalhadores que queria delegar a decisão do assunto para executiva nacional da CUT menosprezando a discussão no congresso sobre a legação de falta de tempo a proposta foi aprovada por imensa maioria do plenário o que legitimou a entrada da CNMT na rede nacional feminista de saúde e direitos reprodutivos (OLIVEIRA, 1999, p. 39).

A década de 1990 é caracterizada por um novo cenário de lutas dos movimentos sindical e feminista. Um novo cenário de desafios impostos pelo neoliberalismo⁴ e os efeitos cada vez mais fortes da globalização, com suas transformações econômicas gerando, por exemplo, aumento do desemprego, competitividade internacional, incremento do trabalho informal que, apesar de muitas conquistas, ainda persistia no mundo do trabalho, afetando, sobretudo, a mão de obra feminina, o crescimento da violência, da pobreza, e a manutenção das desiguais relações de poder presentes na estrutura sindical, partidária e na vida econômica e social do país.

3.2 O neoliberalismo e os novos desafios à luta das mulheres

As transformações provocadas pelo neoliberalismo, na década de 1990, trazem sérias dificuldades para os trabalhadores e trabalhadoras, levando as feministas a multiplicar seus movimentos nos sindicatos, além da criação de entidades e organizações não governamentais

⁴O neoliberalismo é uma nova fase do capitalismo, que se impôs a partir do começo dos anos 1980. Considerando seus traços mais gerais nos países do Centro, como nos Estados Unidos e na Europa, destacam-se três características: uma dinâmica mais favorável da mudança tecnológica e da rentabilidade, a criação de rendas a favor das classes mais abastadas, e a redução da taxa de acumulação (DUMENIL & LEVY, 2007, p. 1).

(ONGs), que se fortalecem cada vez mais nesse período. As feministas começaram a participar mais ativamente de fóruns políticos internacionais, a partir do ciclo de Conferências das Nações Unidas que se iniciou em 1992. Essa participação alimenta a convicção de que as mulheres são capazes de interferir, como membro ativo, nas decisões do seu país. Na II Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente (ECO-92) realizado no Rio de Janeiro, as feministas tiveram uma grande participação levando a discussão de gênero para a pauta do evento. Na IV Conferência Mundial Sobre a Mulher realizada em Pequim no ano 1995 que tinha por objetivo debater as formas de desigualdade social, a participação das feministas brasileiras também foi intensa.

Essas participações foram fundamentais na luta dos movimentos no enfrentamento com o Estado brasileiro e com a estrutura econômica. Avançando suas conquistas em busca da igualdade, os movimentos feministas e sindicais, com apoio de partidos políticos, ONGs, igrejas, iniciaram uma trajetória de mobilização na luta pela participação das mulheres nas instancias do poder, nos sindicatos, nos partidos políticos, nas mesmas condições que os homens. Segundo SUPPLY (1996) um dos primeiros partidos a implantar as cotas foi o Partido dos Trabalhadores (PT) em decorrência das ações das feministas filiadas, que contribuíram com diversos debates, no Primeiro Congresso Nacional do partido, realizado em 1991, conseguindo aprovar, de forma inovadora, a cota de 30% de participação das mulheres em todas as instancia de direção do partido. Essa aprovação provocou o fim dos desbloqueios do espaço das mulheres no partido, marcou sua presença nos órgãos de direção, vindo a impulsionar cada vez mais as mulheres a ousarem disputar e apresentar-se politicamente.

Para conseguir a aprovação de muitas leis e programas de apoio à causa das mulheres essa luta, entretanto, não foi fácil, pois varias foram às investidas masculinas pra reduzir ou anular as conquistas e avanços, argumentando que as mulheres não tinham coragem de subir em um palanque e nem capacidade física de assumir algum comando de poder tanto no legislativo como no executivo. Mas diante de todas as investidas masculinas, as mulheres alcançaram resultados positivos na Constituição Federal, além de outras conquistas como a aprovação da Lei nº 9.100, promulgada 1995⁵, que determina que 20% dos postos legislativo e executivos deveriam ser ocupados pelas mulheres. Essa conquista feminina por mais espaços nas estruturas de poder ainda é bastante tímida, sobretudo, nas instâncias dos poderes legislativos e executivos, mas, ao mesmo tempo, trouxe a redução da desigualdade de gênero e também contribuiu para uma maior representação das mulheres nos parlamentos e nos partidos.

⁵ Em 1997 essa lei foi reformulada elevando o percentual para 30%.

De forma ainda pequena, mas visível, aumenta a presença das mulheres nas disputas eleitorais. Nas eleições de 1998, pela primeira vez na história do Brasil, houve uma candidata à presidência da república- de um partido pequeno. E, nas eleições de 2000, concorreram 70, 321 mulheres às Câmara de vereadores e 1.139 às prefeituras Municipais. Foram eleitas 6.992 vereadoras e 318 prefeitas. Desta, seis vão dirigir prefeituras de capitais, uma delas, a prefeitura da cidade de São Paulo, a maior do país (GROSSI& MIGUEL,2001, p.170).

A polêmica gerada pela política de cotas não arrefeceu as feministas e as militantes sindicalistas. Como decorrência dessa luta, na década de 1990, as mulheres trabalhadoras incrementar a luta pela implantação da política de cotas em todas as entidades sindicais, considerando os dados que revelavam que, em 1989, era pequena a presença feminina nas diretorias dos sindicatos urbanos, com 15%, nos profissionais liberais 25%, nos de trabalhadores autônomos e 12%, nos trabalhadores rurais eram 7%. Em 1993, os administradores e militantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) aprovaram a adoção do mínimo de 30% e máximo de 70% de cada sexo nas instancia de direção da Central em âmbito nacional, estadual e regional⁶.

O II Encontro Nacional sobre a Mulher Trabalhadora, organizada pela Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora, em junho de 1991, aprovou a luta pela cota mínima de mulheres nas direções, mas a decisão sobre o assunto caberia à instância máxima de deliberação da CUT, o congresso nacional. Em setembro do mesmo 4º CONCUR abriu oficialmente o debate do tema, remetendo a decisão para a 5ª Plenária Nacional, a realizar-se em 1992. Nessa plenária, o tema foi debatido como ponto de pauta, mas postergou-se a decisão para a 6ª Plenária Nacional, em 1993, quando, então, a cota foi aprovada (DELGADO, 1996, p. 142-143).

A proposta de cotas, aprovada pela CUT, passa a ser copiada por outras instituições sindicais, urbanas e rurais, desencadeando um amplo processo de discussão. Ao mesmo tempo, a proposta enfrenta uma forte resistência, sobretudo, de vozes masculinas que não aceitam dividir o espaço do poder e da decisão com as mulheres.

Além das dificuldades para implantar as leis de cotas, os movimentos feminista e sindical enfrentaram tempos difíceis, na década de 1990. Os sindicatos demonstraram suas dificuldades e com elas a fragilidade das mulheres devido às políticas neoliberais, com a reestruturação produtiva, com a flexibilização das relações de trabalho e com a retirada do

⁶ Cf. DELGADO, 1996, p.138.

Estado da mediação das relações de capital-trabalho jogando todas as armas para os sindicatos. Essas situações fizeram com que os sindicatos passassem a não mais ser aquele espaço de luta pela democratização. Foram substituídos por luta de resistência pela manutenção do trabalho. Esse quadro teve uma diminuição quanto o numero de sindicalizados tanto de homens como de mulheres e com essa perda encontrou grades dificuldades para revolver seus problemas sociais por um bom período, vindo a renascer no final 1990 e inicio de 2000 com uma nova maneira de atuação e de movimento a esse sistema vindo a desencadear outra conquista com o apoio das feministas. Segundo Matos e Cortês (2010) esse momento caracteriza-se como a quarta onda do feminismo, e sua luta pela radicalização anticapitalista, a luta pela criação de mais órgão executivo de gestão de política no âmbito federal, estadual e municipal, a consolidação da institucionalização de mais ONGS e das redes feministas e ainda contra esse capitalismo opressor que a revelia dos vários direitos conquistados ainda oprimia, sobretudo, as mulheres trabalhadoras.

Essas ondas dos movimentos sindicais e feministas com a multiplicação das ONGS obtiveram entre outras conquistas, a aprovação da Lei Maria da Penha, a Lei 11.340 aprovada em 2006 dando plenos direito a mulher em caso de violência e varias outras conquistas. Esses crescimentos feministas na conquista de seus direitos só foram possíveis, através de inúmeras mobilizações ilustradas no quadro abaixo:

Quadro 1: Linha do tempo do movimento feminista brasileira nas últimas décadas

- 1975 Realização pela ONU da primeira conferência da mulher e formação de grupos políticos de mulheres que passaram a existir abertamente, tal como Movimento Feminista pela Anistia, assim como o Brasil Mulher-jornal porta- vos do recém criado Movimentos Feminino pela Anistia e fundado por Rose Murano com outras companheiras, e o Centro da Mulher Brasileira, entidade pioneira do novo feminismo nacional.
- 1976 Lançamento do período Nós Mulheres que também se assumiu como feminista e circulou por quase três anos.
- 1978 Movimento contra a Carestia.
- 1979 Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres- CEDAW
- 1979 movimentos dos trabalhadores rurais na zona da mata de Pernambuco contra a mão de obra no campo
- 1980 Participações das mulheres brasileiras no processo de redemocratização e na construção de ênfases ainda mais particulares que passam a iniciar mais sobre as diferenças intragênero, ou seja, aquelas: vividas entre as próprias mulheres- mulheres negras, lésbicas, indígenas, rurais etc.
- ✓ Movimento articulado entre as feministas universitárias, aluna e professoras promover a institucionalização dos estudos sobre mulher e sua legislação diante dos saberes acadêmicos, através da criação de núcleo de estudo, da articulação de grupos de trabalho e da organização de congresso, colóquios e seminários para provocar troca entre as pesquisa.
- 1982 Grupos feministas ultrapassaram as divergências particulares e se aliaram ás vinte e seis deputados federais constituintes- o “charmoso” “lobby do Baton”- como forma de garantir avanços na Constituição Federal, tais como a desejada igualdade de todos brasileiros perante a lei, sem distinção de qualquer natureza
- 1993 Mobilização para IV Conferência Mundial Sobre a Mulher.
- 1994 Convenção Interamericana para Prevenir e Erradicar a Violência contra a Mulher-a “Convenção de Belém do Pará”.
- 1995 Declaração de Pequim, adotada pela UV Conferência Mundial sobre as Mulheres: ação para igualdade, desenvolvimento e paz.
- 1998 Campanha Sem os Direitos das Mulheres Não São humanos.
- 2000 Marchas das Margaridas (manifestação anual das trabalhadoras rurais).
- 2001 Marchas Mundial das Mulheres Contra a Fome, a Pobreza e a Violência Sexista.
- 2004/2007 I Plano Nacional de Política para a Mulher.
- 2008/2011 II Plano Nacional de Política para a Mulher.

Fonte: A autora a partir de consultas bibliográficas e cartilhas de grupos feministas

Essas lutas e dificuldades enfrentadas pelas feministas dentro e fora das instituições sindicais em busca de uma democratização de direito tiveram resultados positivos, hoje, por exemplo, com a aprovação de varias leis dando o direito à mulher de participar na sociedade como membro ativo, deu direito a elas de ocupar todos os lugares, postos nas empresas, na política, nas instituições tanto como poder como nas decisões conseguindo romper a barreira do preconceito que determinava que a mulher só servisse para cuidar das obrigações

domesticas. Essas trajetórias que as mulheres tiveram que enfrentar para chegar ate hoje podem ver no Sindicato dos Trabalhadores do Município de Uiraúna- PB que surgiu no auge dos movimentos sindicais na década de 70 com suas lutas, vitórias, conquistas e dificuldades.

4. CONSTRUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE UIRAÚNA-PB

Por volta do século XVIII à região onde hoje se situa o município de Uiraúna foi doada, em forma de sesmaria, aos alferes Alexandre Moreira Pinto e João Nunes Leitão, os primeiros exploradores e criadores de gado. Depois, os direitos de posse foram repassados para Joaquim Duarte Coutinho e seus Cunhados João Claudino de Galiza e Henrique de Galiza, que chegaram em 1872 com suas famílias e fixaram residência no povoado denominado de Arrojado. Nos anos seguintes o casal Joaquim Duarte e França Caetano, influenciado pelo filho José Joaquim de França, que acabara de ser ordenado padre, construiu uma capelinha em homenagem a Sagrada Família. A partir daí o lugarejo passou a ser denominado de Belém. Em torno da Capela foram sendo erguida varias casas e mais pessoas foram se fixando na localidade como os músicos do Estado do Ceará especificamente da cidade de Missão Velha, por motivos de uma turbulenta rebelião de cunho político na região cearense ocorrida em 1912. Essa foi uma das razões que, ao longo dos anos, o lugarejo passou a cultivar a tradição da fé e da música, o que a faz ser conhecida, ainda hoje, como a terra dos músicos e dos sacerdotes⁷.

Segundo os dados do IBGE (2010) logo no inicio do século XX, de acordo com as divisões territoriais de 31 de dezembro de 1937, pelo decreto da lei nº 1.010 de março de 1938, o território de Belém tornava-se distrito de Antenor Navarro (atual São João do Rio do Peixe) e pelo decreto da lei estadual nº 1164 Belém passava a denominar-se de Canaã, passando alguns anos depois, em 31 de dezembro de 1943 sob o decreto da lei nº 502, a ser denominada de Uiraúna.

Elevada á categoria de município com a denominação de Uiraúna, pela lei estadual nº 972, de 02 de dezembro de 1953, assinada pelo então governador da Paraíba, José Fernandes de Lima, desmembrou-se de Antenor Navarro. Nessa época foi empossando o primeiro prefeito, o norte rio-grandense Adolfo Rodrigues⁸.

O município de Uiraúna está localizado na região oeste do sertão paraibano, distante 476 km da capital João Pessoa. Limita-se ao norte com Luís Gomes, no Rio Grande do Norte, ao sul com o município de São João do Rio do Peixe (24 km) e Poço de José de Moura (13km), a Leste com Vieirópolis (14 km) e a Oeste com Santarém (12 Km). A população do município, em 2010, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 14.584

⁷ REVISTA UIRAÚNA 50 anos. A melodia nos caminhos da fé. 1ed., dez de 2003.

⁸ REVISTA UIRAÚNA 50 anos. A melodia nos caminhos da fé. 1ed., dez de 2003.

habitantes, sendo 7.011 homens e 7.573 mulheres, situado como o 58º município mais populoso do Estado da Paraíba⁹.

Conhecida como terra dos músicos e dos sacerdotes, Uiraúna hoje é considerada uma cidade polo, principalmente no setor comercial e bancário, atendendo a sua própria população e de cidades circunvizinhas. O município dispõe de redes de ensino no âmbito municipal, estadual e privadas, nos níveis de ensino infantil, fundamental, superior, além de escolas profissionalizantes. Com relação a sua economia no setor primário tem-se o cultivo de milho, banana, feijão, coco, a criação de bovinos e caprinos. No setor secundário destacam-se pequenas indústrias de baixa tecnologia para a fabricação de produtos de limpeza, temperos, leite de soja e uma fábrica de tecnologia mais avançada de beneficiamento de milho.

4.1. O sindicato de trabalhadores rurais: luta sindical ou direito a aposentadoria?

Foi na Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX que surgiram as primeiras formas de organização de sindicatos. Nesse período a Inglaterra estava vivendo um rápido processo de desenvolvimento industrial, com o surgimento das primeiras classes operárias. Trabalhadores que viviam precárias condições de vida e de trabalho, como exaustivas jornadas, moradias insalubres, sem descaso e sem proteção na velhice e na doença. Situação que motiva a necessidade de organizar formas de luta por seus direitos através dos centros de organização, os sindicatos.

Essas organizações sindicais expandiram-se para outros países: França, Reino Unido, Estados Unidos, Brasil etc. No Brasil os primeiros sindicatos surgiram, o final do século XIX e início do século XX, com as transformações econômicas e sociais de um país que começava a abandonar uma estrutura agrário-exportadora e começava a ingressar no modelo urbano e industrial. Uma estrutura que modificou as formas de trabalho, as relações entre homens e mulheres, instituindo, de forma mais acirrada, a desigualdade de classe. Transformações que alteraram as relações de trabalho, com o registro dos baixos salários, as longas jornadas de trabalho, a substituição da mão-de-obra pela máquina, motivando a ocorrência de revoltas contra esse novo modelo de vida por trabalhadores e trabalhadoras urbanos e rurais.

Uma das armas mais utilizadas nessas revoltas dos trabalhadores foram às greves que se iniciaram em 1858 como a greve dos tipógrafos no Rio de Janeiro, pólo industrial brasileiro.

⁹ REVISTA UIRAÚNA. Abastecendo a vida e alimentando o progresso. 7ed., dez de 2009; REVISTA UIRAÚNA. Um sinal da Claro de desenvolvimento. 6ed., dez de 2008; REVISTA FELC. UIRAÚNA, nobre terra. 1ed., Mar. 2007.

Depois, outras greves foram organizadas em outras regiões no Brasil, como a greve dos imigrantes colonos na fazenda de café em São Paulo em 1913. Esses se manifestavam contra os baixos salários, as injustiças patronais e dos governos.

Esses movimentos urbanos e rurais foram acontecendo no Brasil devido a influência dos imigrantes (alemães, portugueses, espanhóis) que junto formaram organizações dos trabalhadores como a Ligas dos Operários, União dos Trabalhadores, como espaços de luta por seus direitos e que, no início no século XX, se transformam nos sindicatos que, ao lado de outras formas de representação, como os partidos políticos¹⁰, passam a representar os trabalhadores em suas lutas e reivindicações.

As principais formas de organização dos trabalhadores rurais, entre 1880 e 1990, foram às caixas beneficentes, caixas de socorro mútuo e associações de bairro. Essas eram simples manifestações de solidariedade entre os trabalhadores. Mas logo, nas vésperas do novo século, começaram a surgir novas formas de organização, com outros nomes, como as Ligas Operárias, as Sociedades de Resistência e as Uniões dos Trabalhadores. Nessa época as organizações operárias passaram a ter cada vez mais um caráter de resistência e de luta. Foi este o caminho que rapidamente levou à formação de sindicatos, já no início do século XX, a palavra sindicato era adotada para indicar a organização operária (GIANNOTTI, 2007, p. 56).

Com o surgimento dos sindicatos e de outras formas de organização dos trabalhadores é que, em 1906, é realizado o Primeiro Congresso dos Operários Brasileiro, na Capital do Brasil, contando com a participação das ligas e dos sindicatos operários. Como desdobramento deste congresso, em 1908 é criada a Confederação Operaria Brasileira (OCB) primeira entidade operaria. Essa entidade juntos com as demais organizações urbanas e rurais, como o Bloco Operário Camponês (BOC), criado em 1928, realizam inúmeras greves tanto contra o governo como contra os patrões, reclamando melhores condições de vida e de trabalho.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao governo, através do golpe militar em 1930, iniciou-se um processo de modernização nos setores econômicos, político e social. Nesse contexto, uma das medidas tomada pelo governo foi controlar de perto os trabalhadores, sobretudo, com a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), impedindo toda e qualquer manifestação reivindicatória da classe trabalhadora.

Na Inglaterra, França e Alemanha, os sindicatos surgiram de baixo para cima. No Brasil ocorreu o contrário: foi de cima para baixo, com imposição do estado. Nos outros países os sindicatos foram sendo criados em função de

¹⁰ Vale destacar que foi nesse período que se organizaram os partidos políticos, comunista e socialista.

reivindicações. No nosso país decorreu, de imposição (MARTINS, 1996, p. 605).

Segundo Heinen (2011), a CLT, que passa a vigorar a partir de 1943, reuniu normas específicas já existente e incorporou outros direitos, dando prioridade e garantia ao trabalhador urbano, deixando o trabalhador rural sem nenhuma proteção da lei. Diante dessa forma de tratar os empregados é que surgiram, entre 1945 e 1950, as primeiras formas de organização dos trabalhadores rurais, as Ligas Camponesas, depois transformadas em União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícola do Brasil. Entidades que passam a lutar contra as injustiças sociais e a defender os direitos do trabalhador rural e que contribuíram para o surgimento, no início da década de 60, dos sindicatos rurais. Nesse sentido, uma das primeiras instituições aprovada pela tutela do Ministério do Trabalho foi Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) e, junto com ela, foi aprovado o Estatuto do Trabalhador Rural¹¹, que se constituiu em uma espécie de CLT para o campo. O Estatuto, no entanto, mantém o controlado do Estado sobre a atividade sindical rural, e impondo vários obstáculos e limitando os direitos dos trabalhadores rurais.

Esse controle do estado sobre as atividades sindicais, no Brasil, permaneceu por um longo período, só começando a ser alterado, de forma lenta, a partir do final da década de 70, com o processo de abertura política, quando segmentos sociais passaram a reivindicar mudanças. Momento em que são retomadas as greves na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho, no campo e na cidade. Uma luta que reclama também o fim da tutela do Estado sobre os sindicatos.

Foi nos primeiros movimentos da disputa entre trabalhadores, patrão e militares pela direção dos sindicatos e por melhores condições de vida, no Brasil, que acontece, em 1972, a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Uiraúna PB, que, em 1974, foi reconhecido como instituição voltada para atender os interesses dos trabalhadores rurais. Essa instituição, segundo relatos dos associados¹², foi fundada por Emídio Cartaxo, conhecido como Vanduir, da cidade de Bom Jesus-PB. Com uma forte influência junto à Federação dos Trabalhadores da Agricultura da Paraíba (FETAG-PB), Vanduir recebe desta entidade a incumbência de fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais na cidade de Uiraúna - PB. Nessa

¹¹ A lei n 4.214, de autoria do deputado Fernando Ferrari, aprovada em março de 1963, cria o Estatuto do Trabalhador Rural. Esse instrumento estende aos trabalhadores do campo os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos, inclusive, o direito a sindicalização. A reação de latifundiários e empresários do setor agrícola foi bastante forte e, em muitos momentos, a aplicação dos direitos foi lenta. Essa lei foi revogada em 08 de junho de 1973.

¹² Relatos extraídos das falas dos entrevistados do SRT de Uiraúna-PB.

empreitada contaram com a colaboração de cidadãos uiraunenses de grande influência e conhecimento local, quais sejam: Francisco de Sousa Nunes, João Alves e Jacinta Sobreira. A trajetória de Vanduir para iniciar a formação do sindicato rural foi bastante problemática. Sem muito recurso, andava percorrendo os sítios e distritos do município a cavalo, incentivando os trabalhadores e trabalhadoras rurais maiores de idade a se juntar a ele e a lutar por seus direitos de trabalhadores e também seus direitos previdenciários. Vanduir usava como principal argumento para atrair os trabalhadores rurais, o discurso do direito a aposentadoria rural pelo Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL)¹³, recursos financeiros para o trabalhador rural, melhores condição de saúde, exames de vista, assistência odontológica.

Quando cheguei lá foi assim: Vanduir chegou, de momento mesmo, perguntou se eu queria me associar, aceitei, foi um dia de sábado. Minha ficha é de numero 55. Que dizer que na minha frente só tinha 54 pessoas, homem, mulher e todo mundo, só levar os documentos. Ele conversava demais e vencida muita gente o que queria era fundar o sindicato. Muito valente e prometia as coisas, exame de vista, aposentadoria (Entrevista 02 - Homem).

Vanduir, com suas promessas e seus discursos, segundo relatos dos associados e registros documentais, conseguiu associar 270 pessoas, onde 255 eram trabalhadores e 15 trabalhadoras e ganhar aliados importantes na cidade para dar encaminhamento à formação do sindicato¹⁴. A importância de Vanduir no processo de formação do sindicato é reconhecida por um sindicalizado que é contemporâneo seu na fundação da entidade.

Vanduir Cartaxo foi quem fundou o sindicato pegou a trabalhar e por pouco mais começou a desfazer do que fazia, desgostou a sociedade aí o povo se afastou do sindicato, o prefeito dessa época era Dr. Manoel Nogueira Neto, Chico, todo mundo aqui insatisfeito com o regime de conviver a ser uma autoridade do sindicato que é muita coisa não é pouca é muita basta ser trabalhador e trabalhadora rural. Aqui na cidade tem muita pessoa que vive na cidade e é agricultor e vive lá na roça, ainda hoje muito deles vejo passar. Vanduir bebia cachaça montava no cavalo e queria entrar na porta do povo, foi rebatado muitas vezes com o cavalo querendo botar o cavalo na porta do povo, aí apareceu quem afastasse ele nessa época todo mundo abandonou o sindicato não fazia nada só fazia levar, era ele o presidente e a secretaria era Jacinta Sobreira, aí isso sócios chegava pagava aquele dinheirinho por mês, o que ele fazia pagava o dinheiro e no deixava a secretaria que era Jacinta

¹³ É uma contribuição que substituiu a cota patronal do encargo previdenciário, acrescido do percentual dos Riscos Ambientais do Trabalho - RAT, sendo para o segurado especial o custeio de sua previdência para aposentadoria e outros benefícios junto a Previdência Social.

¹⁴ Uma das pessoas influentes que se aliou a Vanduir foi o então prefeito Dr. Manuel Nogueira Neto que ajudava com os transportes para deslocamento de pessoas para cidades como Cajazeiras e Sousa PB, para a realização de consultas e exames médicos.

Sobreira colocar nas costas da filha para comprovar que o sócio estava pagando, com esse desmantelo dele passou a beber cachaça num cavalo bêbado entrando bêbado na porta do povo, o prefeito insatisfeito com ele o povo abandonaram. (Entrevista 01 - Homem).

A trajetória de Vanduir no sindicato, no entanto, durou menos de um ano. Sua saída, no início de 1973, foi motivada pela insatisfação que começava a ser alimentada por pessoas influentes e pelos associados, com suas falsas promessas de trazer melhores condições para os associados. Com a saída de Vanduir o sindicato passou a ser administrado por uma junta governativa comandada por Francisco Felix de Lima, homem influente no município, e outros companheiros, entre eles João Vieira e José Joaquim Filho. Nesse momento, o sindicato passa a associar também os trabalhadores e trabalhadoras que tinham menos de 100 hectares, orientando os associados acerca de seus direitos, por exemplo, conseguindo melhores condições de vida para seus associados como, auxílio doença, direito a aposentadoria, exames de vista, consulta medica, melhores condições de trabalho, ações que nortearam as ações do sindicato ate o início do século XXI.

A administração da junta buscou também incrementar a sindicalização. No entanto, embora em 1974 a entidade registrasse cerca de 900 associados, o numero de mulheres associada era muito inferior ao masculino revelando ser o sindicato uma instituição marcadamente masculina. Geralmente, a participação das mulheres se restringia a posição de ajudante de secretario e auxiliar de serviços, contrariando a posição defendida pela CONTAG.

Desde a fundação da CONTAG, em 22 de dezembro de 1963, construindo o movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - MSTTR, com uma postura de luta e pluralidade, trabalhando com a diversidade regional, cultural e produtiva do meio rural no nosso país. Ao longo desses anos, a atuação da CONTAG contribuiu para a ampliação sindical no meio rural: reivindicando, mobilizando. Propondo e negociando políticas agrícolas diferenciadas, direitos trabalhistas e agrícolas diferenciadas, direitos trabalhistas e políticas sociais que resgatem a área rural enquanto espaço de vida, de luta, de trabalho e de construção de conhecimento capazes de promover as transformações necessárias para um desenvolvimento sustentável no nosso país (CONTAG, s/d., p. 5).

Segundo relatos dos associados, com o reconhecimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna, no final de 1974, foi necessário um presidente eleito pelo povo, e o escolhido foi José Felix de Lima, filho de Francisco Felix de Lima, permanecendo no poder por nove anos consecutivos dando encaminhamento ao trabalho de seu pai usando os mesmo projetos e incentivando os trabalhadores uiraunenses a se afiliar no sindicato no intuito de alcançar os seus

direitos previdenciários. Nesse momento, o sindicato registrou mais de três mil associados. Com o fim do mandato de José Felix de Lima e dos demais membros administrativos que era composto por José Amacio, Raimundo Silva de Araújo, João Vicente, e que permaneceu nove anos no comando do sindicato, a entidade retorna novamente para a presidência do seu pai, Francisco Felix de Lima, eleito pelo voto dos associados, e ficando no cargo até 2003. Como pode se observar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna passou um bom período da sua administração passando de pai para filho e de filho para pai.

O segundo mandato de Francisco Felix de Lima por volta dos anos 1980 até o início do século XXI marcou a história do sindicato. O STR de Uiraúna foi palco de vários conflitos e disputas. Nesse período, o Brasil estava passando pelo processo de redemocratização, ou seja, a era da liberdade política, direito civil e social. Portanto foi em meio a essas transformações que vinham ocorrendo no Brasil abrindo novos e amplos horizontes para os sindicatos, que o STR de Uiraúna viveu intensos movimentos contra a administração de Francisco Felix de Lima, uma delas foi à luta dos associados em busca de recurso e condições de vida melhor, onde a administração deixou muito a desejar com a falta de assistência aos associados, a busca de direito para o trabalhador rural junto às autoridades governamentais, promessas não cumpridas quanto ao desenvolvimento do campo, pois o papel do sindicato, apesar das transformações nessa administração, ainda continuava com o perfil de previdência social e não de um sindicato combativo.

4.2 As mulheres mostram a cara no sindicato

Outro exemplo de luta que ficou registrado na história do movimento sindical uiraunense foi à participação, cada vez mais intensa, na década de 1990, das mulheres no sindicato, e que pode ser exemplificado com a coragem da primeira mulher sindicalista, Maria José Martins de Oliveira, conhecida por Nega, residente, na época no Sítio Areias, povoado de Uiraúna – PB. Nega encabeçou o movimento por melhores condições de vida para o trabalhador rural que sofria com as transformações econômicas e políticas operadas pelo modelo capitalista e pela mudança do espaço sindical, marcadamente masculino, e que impedia a participação da mulher na esfera do poder e de decisão.

Nas últimas décadas em âmbito internacional, os sindicatos têm mudado seu relacionamento com as trabalhadoras. A entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho assalariado mundial, forçou-os a tomar iniciativas para

atrair o público e aumentar os índices de sindicalização. Simultaneamente, o crescimento acelerado do movimento de mulheres e da luta por igualdade de direito e representação entre os sexos, desde os anos 60, resultou na pressão das trabalhadoras para ampliar sua participação sindical e ver atendidas suas reivindicações no mundo trabalho. Assim, em muitos países a questão da mulher entrou na pauta de sindicatos e centrais sindicais e a presença feminina cresceu, ao lado da persistência de mecanismo discriminatório e do descompasso da presença dos gêneros (DELGADO, 1996, p. 139).

Essa luta em prol de um sindicato mais justo e que refletisse as relações de gênero ganha mais intensidade no final dos anos 1990 e começo do século XXI. No Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna, por exemplo, essa luta das mulheres trabalhadoras rurais tinha como foco principal as mudanças das relações de poder que, por mais de trinta anos, estiveram concentradas nas mãos masculinas, e teve como forte aliado padre Domingos Cleides Claudino, da Paróquia da Sagrada Família, e que teve uma importante participação nessa luta por melhores condições de vida para os associados e um sindicato justo e igualitário, ou seja, um sindicato que buscasse os direitos iguais do trabalhador e da trabalhadora rural. Tem-se que se considerar que, nesse momento o sindicato contava com mais de seis mil associados, destes 4.706 eram homens e 2.056 eram mulheres. Segundo Coelho (2012) o engajamento da Igreja no Brasil ao lado da esquerda vem desde a pressão e truculência dos militares, diante do florescimento e disseminação de lutas sociais no campo e na cidade fizeram com que a Igreja não ficasse inerte a situação de opressão e desigualdade que passava os trabalhadores e trabalhadoras.

O resultado da luta dos sindicalizados e o decisivo apoio do sacerdote da paróquia local teve como consequência o afastamento do presidente, Francisco Felix de Lima no ano 2003, que ocorreu não pelo voto popular, mas pela via judicial, haja vista o poder judiciário ter constatado algumas irregularidades na gestão deste presidente perante a instituição. Entre as irregularidades estão, as prestações de conta incorretas aos associados, a não realização de assembleias, desvio dos recursos e ausência total no apoio a uma política agrícola e agrária digna dos trabalhadores rurais. Quem assume a direção do sindicato é o vice-presidente, Luiz de Pedro, acatando o estatuto da entidade, e permanecendo na direção até as eleições, em 2003, quando duas mulheres disputaram a presidência: Maria José Martins de Oliveira e Maria Cleidiomar Sarmiento de Oliveira. Maria José Martins de Oliveira e Maria Cleidiomar Sarmiento de Oliveira. A primeira apoiada pela igreja e a segunda candidata apoiada pelo ex- presidente Francisco Feliz de Lima, vindo obter vitória nas urnas a sindicalista Maria Cleidiomar Sarmiento de Oliveira, atual presidente do sindicato.

Ao longo dos 42 anos de existência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna-PB, apesar das dificuldades e dos vários problemas, atualmente vem buscando desenvolver ações para a melhoria das condições de vida de seus associados. Contando com 10.136 associados, o STR de Uiraúna vem ganhado espaço enquanto entidade que procura acompanhar as transformações da realidade e garantir a participação das mulheres nos espaços sindicais ainda marcadamente masculinos.

Outro exemplo desse crescimento nesse estabelecimento são as ações voltadas para uma reforma agrária ampla, massiva, de qualidade e participativa, pelo fortalecimento da agricultura familiar, pela ampliação de oportunidade de emprego, trabalho e renda com igualdade de gênero, raça e etnia, acesso dos associados aos benefícios da previdência social como: salário maternidade, salário família, aposentadoria por invalidez, aposentadoria por idade, auxílio doença, auxílio reclusão, pensão por morte.

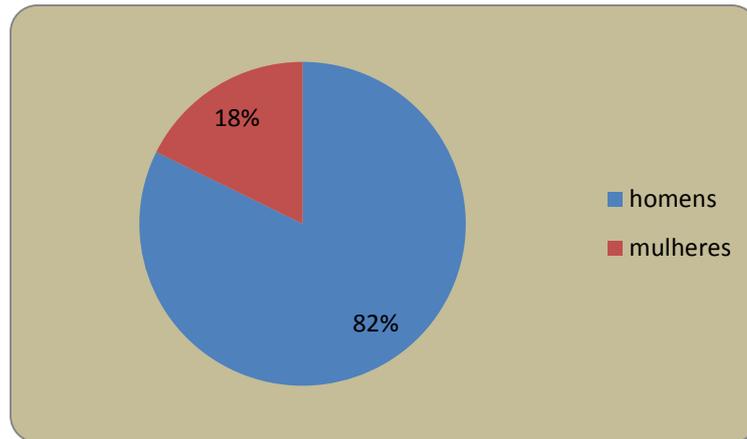
Segundo relatos dos entrevistados, para que esse sindicato se tornasse o que ele apresenta hoje, centro de organização da sociedade uiraunense, que defende e questiona as autoridades governamentais os direitos dos sindicalizados, vários foram os entraves construindo nessas relações de gênero para que os direitos fossem iguais para todos, conforme se aduz no tópico posterior.

4.3 As relações de gênero no espaço sindical: relatos e vivências

A participação de trabalhadores e trabalhadoras rurais na formação e organização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Uiraúna- PB foi marcada por vários entraves. Após análise de documentos internos¹⁵, constata-se que, desde sua formação, em 1972, até o final de 1980, o número de mulheres filiadas eram bastante inferior ao de homens, situação modificada a partir da década de 1990. Podemos constatar esse fato através do gráfico seguinte, que mostra as diferenças quanto à participação de homens e mulheres na vida do sindicato, revelando como as relações de gênero eram bastante desiguais.

Gráfico 3: Percentual de homens e mulheres sindicalizados da década de 70 e 80

¹⁵ Fichas de Registro de Associado



Fonte: Informações coletada no STR de Uiraúna- PB

Os dados corroboram a afirmação de Castro (1995, p, 30) para quem “o mundo sindical é heterogêneo, e as reflexões por estudo de casos são menos homogeneizantes e as generalizações devem ser relativizadas”. Uma situação de desigualdade que ainda persiste apesar das transformações que, atualmente, são registradas no espaço sindical rural, quanto à participação de homens e mulheres dividindo os mesmos espaços na esfera do poder, e com as mulheres mostrando que são capazes de comandar cargo marcadamente masculino, compartilhando dos mesmos direitos e enfrentando os mesmos obstáculos. A vivência das relações de gênero no âmbito sindical, a partir da experiência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna mostra que a relação entre os sexos é desigual e conflituosa.

Essa desigualdade de gênero revelada pela inexpressiva presença e atuação femininas no espaço sindical, nas décadas de 1970 e 1980, pode ser contextualizada a partir do modelo patriarcal da sociedade onde o homem era o provedor do lar e à mulher eram reservadas as atividades domésticas e os cuidados com os filhos. Isso dificultou a participação feminina nos espaços públicos.

A noção de patriarcado apareceu, então, como um importante recurso analítico voltado para dar conta do conjunto de relações hierárquicas estabelecidas a partir da base material. Ela compreende o sistema de relações economicamente sustentadas que diferenciam a posição social da mulher em relação ao homem, seja como pai, irmão ou marido. Para os que entendiam a persistência dessas relações como um traço universal, tratava-se de um modo de exercícios do poder e da dominação que expressava a sua longevidade e permanência por meio do papel paterno, centralizado no exercício do poder (CASTRO; GUIMARÃES: 1997, p. 179).

Outro elemento que explica a ausência das mulheres no mundo público, segundo Bruner (2002), é que, no Brasil, o acesso das trabalhadoras rurais a previdência social aconteceu

tardiamente. Antes, para as trabalhadoras rurais obter benefício previdenciário, como o direito a aposentadoria, precisavam ser reconhecidas como trabalhadoras rurais e esse reconhecimento, muitas vezes, era de difícil a comprovação, pois os trabalhos feitos pelas mulheres do campo se perdiam na invisibilidade da ajuda. Esse fato marcou a ausência das mulheres no STR de Uiraúna, como pode ser exemplificado na fala de uma sindicalista.

A posição do homem antigamente era o varão, quem mandava e comandava, e a mulheres dependentes. O fluxo, a gente olhando antigamente, o fluxo de mulheres era pouco, pouco mulher associava porque até então a mulher não tinha direito a aposentadoria rural. Depois foi homologado no Ministério o direito da mulher ingressar no movimento sindical. Porque antes o direito era do homem se aposentar com sessenta anos e a mulher era dependente, tudo girava em torno do homem. (Entrevista 01 - Mulher).

Além da falta de reconhecimento de seu status profissional, outro elemento apontado pelos entrevistados para explicar a ausência feminina no espaço sindical é o que o STR ser compreendido e, historicamente, tinha se constituído como um lugar marcadamente masculino onde a presença feminina era pouca. Segundo Delegado (1996), no Brasil, até a década de 80 do século passado, a formação dos sindicatos principalmente o rural foi historicamente conhecido como um espaço masculino. Essa situação foi determinante para explicar o fraco engajamento das mulheres nos sindicatos.

A formação do sindicato. Antigamente era feito para homens, colocava a mulher como dependente. Poucas eram as dependentes. Só os homens tinham mais direito de se associar, isso para poder fazer tratamento dentário e outras coisas, ou seja, naquela época não tinha avanço como hoje. Quase todo mundo precisava arrancar dente, para arrancar tinha que ter o sindicato (Entrevista 01 - Mulher).

Outro aspecto interessante é que, no espaço sindical por um bom período de sua existência, as mulheres apesar de serem *bem-vindas*, não tinham autonomia para interferir nas decisões do sindicato. A posição feminina no espaço sindical era como companheira do marido, ajudante em atividades básicas como auxiliar de secretaria, faxineira, cozinheira do sindicato e não era admitida como parceira no exercício do poder e na tomada de decisões. No STR de Uiraúna, o que se apreende é que, no período de 1972 a 2003, o controle das atividades principais, como presidência, tesouraria, secretaria, estava nas mãos dos homens. Às mulheres restavam as atividades que não exigiam deliberação e comando. A compreensão era de que as mulheres não se apresentavam como membros ativos nas decisões de luta pelos seus direitos e

nem tinham o poder de ser representada como uma líder sindicalista, mesmo com o grau de escolaridade maior que os homens.

Nesse sentido, percebe-se, ainda, que o próprio sindicato dificultava a participação feminina e, como lembra Siqueira (1997: p, 184) “o espaço existencial da mulher continuava a se definir por meio da mediação do espaço domiciliar, o que colocaria com novas tintas a sua subordinação econômica”. Essa subordinação feminina foi vivenciada, de maneira bastante contundente, no STR de Uiraúna, que somente tem uma mulher na sua presidência no século XXI.

A posição da mulher lá dentro era assim, só via ela ajudando nas fichas, batia um documento quando precisava, na limpeza e os homem era nos trabalho mais pesado. Quando ia procurar um direito só quem resolvia era Chico Muliquim. Se ele não tivesse lá esperava por ele. E até mesmo para perguntar uma informação só confiava nele, achava que a menina que trabalhava lá não sabia não. Só ele quem sabia (Entrevista 03 - Homem).

E nós que trabalhava lá, funcionaria de lá como ajudante, fornecia ficha preenchida, ata. A mulher era só isso, não tinha voz ativa. Quando tinha uma questão de um trabalhador rural, quando o patrão não pagava seus direitos, o trabalhador ia para o sindicato, e era o presidente quem resolvia aquela questão. Ia conversar e entrar em acordo. No mesmo caso a mulher com o patrão, era o presidente quem resolvia. A mulher não resolvia nada. Tudo era o presidente (Entrevista 02 - Mulher).

Os depoimentos evidenciam que os papéis sociais desempenhados tradicionalmente pela mulher no STR de Uiraúna eram desvalorizados, que elas não tinham poder de decisão ou experiência de assumir e comandar, na ausência ou no lugar do homem. Uma situação que, como explica Castro (1995, p. 31), pode ser entendida pelo fato de que “a exclusão das experiências das mulheres do ‘outro generalizado’, a experiência da alteridade onde incompleta ‘experiência compartilhada’ entrelaça-se com outros processos da pratica de exclusão”.

Para Delegado (1996) existem outras formas de marginalização e de exclusão da mulher no movimento sindical, mesmo no momento presente. Entre estas formas são destacadas a ausência feminina em cargos de liderança, a fala dura, a estrutura física, horário de atividades não compatível com as exigências da presidência. Aspectos que contribuíram para entravar a participação da mulher em funções e cargos de comando no sindicato, contribuindo para as assimétricas relações de gênero nesse espaço. Essa situação é apreendida por uma das entrevistadas que afirma:

A mulher não tinha vez não. O sindicato era praticamente homem. Se você pegou o histórico do sindicato, no início, só era homens. Acredito que a primeira mulher que se lançou a presidente do sindicato fui eu, e o povo não acreditava. *Mulherzinha pequena*, do sítio, não vai fazer nada. Quando a junta entrou comecei a prestar serviço (Entrevista 03 -Mulher).

A situação de desigualdade, entre homens e mulheres, vivenciada desde a formação e organização do sindicato, tanto em relação ao exercício de cargos e funções de liderança e comando, quanto ao gozo de direitos e benefícios que eram restritos apenas aos homens, no entanto, não era percebida como uma questão política. Os entrevistados foram enfáticos ao afirmar que existia um clima amigável no convívio cotidiano de homens e mulheres no sindicato. Dos oito entrevistados 87,5% afirmou que a convivência era amigável onde o respeito uns com os outros estava presente, e não foi registrado nenhum tipo discriminação. A situação era vista como natural, como coloca o entrevistado 04 quando afirma: “o bicho era o homem, o homem era a fera. Na década de setenta e oitenta era difícil até um trabalho, porque ela mesma queria ficar em casa cuidando da casa e dos filhos e da roça”.

Essa relação amigável entre sindicalizados e sindicalizadas, segundo depoimentos dos entrevistados, começa a ser alterada com as mudanças trazidas pela Constituição Federal de 1988, sobretudo as conquistas alcançadas pelos movimentos sindical e feminista, destacando, aquelas cláusulas que asseguraram às trabalhadoras rurais os benefícios previdenciários, passando a ter os mesmo direito que os homens. Entre as conquistas asseguradas pelo texto constitucional, podem ser referenciados o direito a aposentadoria por idade há partir 55 anos, auxílio doença, salário maternidade, a participação da mulher na vida pública e vários outros direitos que antes não tinham. Com isso as mulheres foram ganhando espaço na defesa de seus direitos.

Esse aporte de direitos também está nas raízes do crescimento, na década de 1990, do número de mulheres associadas, em relação às décadas passadas. Verifica-se que, neste período, o número de mulheres sindicalizadas chegou a 706. O crescimento quantitativo, entretanto, não acontece de forma tranquila quando se constata os obstáculos que complicaram as relações de gênero dentro da entidade sindical.

Um exemplo dessas dificuldades que entravaram a luta das trabalhadoras rurais na defesa de uma estrutura sindical mais justa refere-se à extensão dos benefícios previdenciários que tinham sido assegurados pelo texto constitucional. Dificuldades expressas na falta de assistência das trabalhadoras rurais em relação aos trabalhadores urbanos. Trabalhadoras, e também trabalhadores rurais, muitas vezes tinham que passar por constrangimento, para

confirmar que trabalhavam na terra. Eram forçados a apresentar uma série de documentos pessoais comprovando que eram agricultor e ainda demonstrar, em seus corpos, vestígios materiais de que eram, realmente, trabalhadores e trabalhadoras rurais, como a pele queimada do sol, as mãos marcadas de calos, sinais que comprovassem a dureza do trabalho da roça.

Essas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores aparecem, de forma contundente, nas falas dos entrevistados:

Eu já assisti uma trabalhadora rural ser discriminada só porque ela foi bem arrumada para o INSS. Foi buscar um direito de um salário maternidade. Como ela era uma jovem bonita, mas da roça, eles discriminaram dizendo que ela não era da roça, porque eles acham que quem é trabalhador rural tem que ser feio, as unhas encardidas. E eu como tava lá questionei ao chefe e a resposta que ele me deu foi que ele observa o andar, o falar, o vestir e o caminhar, eles sabem quem é trabalhador rural. Infelizmente a gente manda uma jovem buscar o direito maternidade a gente pede para ela ir simples, isso dói muito na gente, como é que a gente está atrás do direito e chegar pra ela e manda ela ir simples isso que dizer que um trabalhador rural não pode ir arrumada isso foi uma discriminação que encontrei foi essa (Entrevista 01 - Mulher).

A discriminação era porque o trabalhador ia atrás do direito e não conseguia. Eu lembro quando fui para o INSS para mim aposentar fui com a barba bem grande e uma roupa velha para conseguir mais ligeiro a aposentadoria, porque o homem lá olhava tudo (Entrevista 03 - Homem).

As falas reforçam a compreensão de como as relações de gênero, no espaço sindical, aconteciam, e ainda persistem muito marcadas por procedimentos e comportamentos discriminatórios apesar das mudanças políticas, legais e culturais. Conforme nos afirma Delgado (1996), a aprovação, pela CUT, em 1993, de um percentual mínimo de 30% e máximo 70% de cada sexo na instância de direção da central sindical e, posteriormente, nas entidades sindicais, em âmbito estadual, regional e nacional, visto como medida importante para construir relações políticas mais igualitárias e justas, muitos dos sindicatos, a exemplo do STR de Uiraúna, continuava com estruturas políticas e administrativas que freavam a capacidade da mulher de poder assumir cargos de mando e de decisões, pois a consideravam sexo frágil e incapaz de assumir decisões.

Mulheres sindicalistas e militantes concordam que a quota foi um passo importante para a visibilidade do não-representativo, do não-dito, nas organizações sindicais e partidárias, mas que o lugar-posição não vem garantindo a representação/posição das mulheres administradoras, de uma perspectiva de gênero (CASTRO, 1995, p. 38).

Um exemplo da situação enfrentada pelas trabalhadoras rurais uiraunenses na luta para mudar as relações de decisões dentro do STR ainda eram vistas como invisível. Apesar dos direitos garantidos a mulher sofria com críticas quanto a sua capacidade de poder, liderança e de decisões dentro desse espaço sindical. Ela era tratada pelos companheiros como invisível.

Eu fui muito discriminada em discordar de associar as pessoas sem comprovar que era agricultora de verdade, porque tinha pessoas que levavam o INCRA de qualquer agricultor e associava, eu não aceitava, mas não era presidente não tinha poder de decidir quem decidia era o presidente, mas discordava porque sabia que não era agricultor (Entrevista 03 - Mulher).

Além da exclusão nas instâncias de liderança e de decisões, uma questão que também merece ser mencionada era o fato das trabalhadoras rurais terem mais dificuldades para a obtenção de certos documentos. Enquanto os homens tinham acesso a todo o material necessário para dar encaminhamento aos benefícios previdenciários que o sistema agrícola disponha, acesso as assembléias dentro e fora do sindicato, às mulheres eram impedidas de exercerem as atividades e de obterem acesso a documentos e posições.

A discriminação, por se mulher já tinha certo limite há alguns documentos. Ele tinha medo, quando ia atrás de algum documento ficava em cima de mim, porque era bem viva em qualquer coisa, eu ficava de orelha em pé, eu era muito limitada dentro do próprio sindicato muito vigiada (Entrevista 03 – Mulher).

As mudanças mais significativas no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna, no que concernem as relações de gênero, somente passam a ser percebidas, de forma mais visível, no final da década de 90 e início 2000. Com o incentivo e apoio de entidades como a Igreja Católica, que passam a construir um discurso mais insistente sobre a condição da mulher e a desigualdade de gênero, e que incentivam as mulheres sindicalistas a tomar uma posição diferente da tradicional, indo à busca de seus direitos e assumindo posições de comando na instituição. Além do apoio da igreja, a atuação de movimentos sociais, como a Marcha das Margaridas¹⁶, iniciada em 2000, foram essenciais nas mudanças das relações de gênero

¹⁶A paraibana Margarida Maria Alves, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Alagoa Grande, no Brejo Paraibano, e se destacou como mulher que lutou na defesa dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, vindo a perder sua própria vida em defesa dos oprimidos. Seu assassinato, em 1983, teve repercussão nacional e internacional, e serviu de inspiração para a criação do movimento de mulheres

percebidas no sindicato. Portanto foi através do apoio desses movimentos que as sindicalistas uiraunenses iniciaram sua luta não só por melhores condições de vida digna dos trabalhadores rurais, mas também por uma posição importante na parte administrativa do sindicato.

A mulher tinha medo de enfrentar o homem e a própria sociedade a rejeitava. Quando a mulher começou a despertar, através de Margarida Maria Alves e da Igreja, que ajudou começando a dar espaço à mulher, ela viu que o papel não era só ta dentro de casa. Precisava e ir muito além. Foi a partir daí. No século dezoito era escondida só era do quarto para cozinha não podia ir na sala (Entrevista 03 - Mulher).

No período entre o final da década de 90 e o início do século XXI o STR de Uiraúna viveu intensos momentos de lutas políticas, sobretudo, quando da escolha de novos dirigentes. Lutas que expressaram essa nova conjuntura das relações de gênero presentes no âmbito da estrutura sindical, com as mulheres assumindo os postos e funções de direção e comando, rompendo com uma tradição de quase três décadas de mando masculino.

Tinha as manifestações no sindicato, da irmã de Dos Remédios, que lutou para derrubar Chico Muliquim. Parece que não gostava do trabalho dele lá. Tinha uma coisa assim, mas não conseguiu ganhar dele não. Ele a derrotou ela. E tinha também as lutas por questão entre o trabalhador com Chico Muliquim ainda houve briga chamaram até a polícia nesse tempo (Entrevista 02 - Homem)

Mais no tempo de Chico Muliquim, foi em 1986 por ai assim, a mulher não tinha muita chance nessas coisas de poder não. Só depois de um tempo que entrou a irmã de Dos Remédios. Mas Chico Muliquim sempre ganhava porque era político, ganhava, combinava os votos para ele. A irmã de Dos Remédios também lutou muito, mas não conseguiu tomar dele não. Foram até pra justiça (Entrevista 02 - Mulher).

trabalhadoras rurais que atribuiu seu nome ao movimento que ficou conhecido historicamente como “Marcha das Margaridas”. A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas e de mulheres. É um grande momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, além de proporcionar uma reflexão sobre as condições de vida das mulheres do campo e da floresta. Realizada a partir de 2000, tem revelado grande capacidade de mobilização e organização. Pelo caráter formativo, de denúncia e pressão, mas também de proposição, diálogo e negociação política com o governo federal, tornou-se amplamente reconhecida como a maior e mais efetiva ação das mulheres da América Latina. A Marcha das Margaridas é coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), pelas 27 Federações de Trabalhadores na Agricultura (FETAGs) e pelos mais de quatro mil Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs), e por várias organizações de mulheres parceiras.

As mudanças políticas, sobretudo, no contexto nacional, contribuíram para despertar nas sindicalistas uiraunenses o desejo de também mudar as relações políticas no âmbito do sindicato dos trabalhadores rurais. Com a convocação de novas eleições, em 2003, a disputa pela presidência do sindicato se concentrou entre duas trabalhadoras rurais: Maria José Martins de Oliveira, conhecida por Nega, e Maria Cleidiomar Sarmento de Oliveira. Da disputa saiu vitoriosa Maria Cleidiomar Sarmento de Oliveira

Com a ascensão de Maria Cleidiomar Sarmento de Oliveira à direção do sindicato, em 2003, inúmeras foram às mudanças ocorridas nesse âmbito institucional. Uma delas foi à participação ativa das mulheres no postos de decisões, por exemplo, na tesouraria, na secretaria, mostrando que as mulheres são competentes e responsáveis para assumir postos de chefia e de decisão.

Outra mudança ocorrida nessa nova administração é que o sindicato foi modificando o perfil de ser uma entidade meramente complementar da previdência passando a se incorporar na lutar pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Esse novo sindicato proporcionou aos homens e as mulheres a abertura de novos horizontes.

Antes o sindicato era mais previdência e INSS, o trabalhador só vinha atrás da aposentadoria, salário maternidade, auxílio reclusão, só previdência. Quando entrei comecei a mudar isso ai. A gente começou a mudar. Tem trabalhador que tem uma moto e tem a declaração de cinquenta por cento de desconto quando vai emplacar a moto, que antes não tinha. Essa é uma luta nossa. A casa do trabalhador rural que a gente tem em João Pessoa, e um centro de treinamento do trabalhador em João pessoa e em Patos são todos feitos com o dinheiro do trabalhador rural. São recursos próprios e direito dele. São direitos tanto do trabalhador rural como dos filhos, dos netos, toda família. (Entrevista 01 - Mulher).

Mas, segundo relatos dos associados, mesmo com a forte presença feminina nos cargos de poder e de decisões transformando o espaço sindical em um lugar também da mulher, com a abertura de novos projetos, não deixou que as velhas regras discriminatórias se fizessem presentes e atuassem, mesmo quando da administração feminina.

Quando comecei a participar das reuniões em João Pessoa os homens não olhavam com bons olhos, porque achavam que a mulher estava ocupando espaço demais, tomando o lugar deles, que as mulheres não podiam lutar, participar de reuniões fora. Mas direito são iguais, se não tivesse ido atrás olhando esses ofícios para saber o que era, hoje não fazia parte da federação, hoje faço parte da federação, representando o sertão como segunda secretaria da formação sindical, quando a eleição do sindicato aqui no sertão estou

representando a nossa instituição de Uiraúna e a federação que é um órgão maior. E muito gratificante esse trabalho (Dirigente 01 - Mulher)

Mesmo com todos esses Obstáculos visto desde o início da história do sindicato, vários foram as vitórias e conquistas hoje, o sindicato conta com mais de 10 mil associados onde 5.128 são mulheres e 5.008 homens compartilhando e dividindo os mesmo espaços que antes não existiam tanto na posição de comando como de decisão e sindicalização. Hoje o sindicato conta, na parte administrativa, com mais mulheres assumindo os cargos de liderança. Dos seus cargos que formam a diretoria do sindicato (presidente, vice- presidente, 1ºsecretario, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro), 2 são ocupados por homens e 4 por mulheres. Essas transformações quanto à posição dos sexos contribuíram para que as relações entre eles se tornassem menos desiguais em um espaço que cresceu com as marcas da desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação política das mulheres no espaço das entidades sindicais, no Brasil, é algo ainda muito recente, ganhando maior visibilidade a partir da década de 1970 do século passado. Essa maior participação foi decorrente dos movimentos feministas que fervilhavam nessa época quando as feministas começaram a lutar por sua cidadania e a buscar o seu reconhecimento enquanto sujeito social de direito, mostrando também que são capazes de contribuir para o desenvolvimento político, econômico e social do país.

O contexto cultural das desigualdades de gênero na sociedade brasileira, nas últimas décadas, foi à base para a mobilização e a articulação de muitos movimentos de natureza feminista e sindical, buscando a construção de condições históricas para que muitos sindicatos tornassem iniciativas dirigidas as mulheres para que as mesmas pudessem se manifestar dentro e fora das entidades sindicais.

Como reforça Oliveira (1999, p. 36):

(...) o movimento sindical viveram intensas experiências de tomada de consciência dos problemas privados e impulsionado pelos grupos de mulheres que teciam na sociedade situações de conflitos, em que os militantes tinham que tomar posições, como foi o caso da luta pelo direito ao aborto, na qual as feministas saíram vitoriosas (OLIVEIRA: 1999, p. 36).

Uma luta que, em muitos momentos, teve a parceria dos homens, sobretudo, de camadas de trabalhadores que, historicamente, também tinham seus direitos desrespeitados.

As mulheres em sindicato de acordo com militantes da CUT (Central Única dos Trabalhadores) estão tentando transformar os sindicatos em “espaço de homens e mulheres”. O desafio está no lidar com as diferenças de gêneros. O desafio é também desvendar construções simbólicas, sustentações materiais de distintos sistemas de privilégio, quanto a seus nós, inclusive entre ‘iguais’, e integrar lutas diversas, contra o racismo, a homofobia, o sexismo, como parte de projetos da classe-sujeito alquímico e não cair na armadilha das “divisões” (CASTRO, 1995,51).

Uma das questões que este trabalho permite vislumbrar é que, nos espaços sindicais, como no caso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna, embora, em muitos momentos, de forma mascarada, esteve presente a concepção política que considerava a mulher como um ente *naturalmente* frágil e sem habilidade e competência para fazer parte do mercado de trabalho e para a participação em espaços públicos, sendo forçadas a viver à sombra de um

membro familiar masculino. Também se apreende que as mudanças dessa concepção acontecem marcadas por tensões e conflitos considerando que elas alteravam comportamentos e idéias historicamente consolidados.

A vivência das relações de gênero nos sindicatos rurais foi mais complexa, em relação aos sindicatos urbanos, considerando, sobretudo, questões culturais, como a compreensão bastante recorrente de que o trabalho feminino no campo sempre era encarado como ajuda, desprovido, portanto, de qualquer significação social e política. Por essa razão, a presença feminina nos espaços dos sindicatos de trabalhadores rurais começou tardiamente, e teve que enfrentar uma realidade marcada pela predominância da dominação masculina que impedia as mulheres saírem do anonimato dos espaços privados e ocupar espaços públicos.

A pesquisa permitiu compreender ainda que, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna, a exemplo de outras entidades congêneres, tem sua história marcada por relações de gênero desiguais, onde as mulheres, com bastante recorrência, foram silenciadas, excluídas, apagadas. A situação do não reconhecimento da cidadania e do protagonismo das mulheres trabalhadoras rurais a participação das mesmas nas instâncias de decisão e de comando do sindicato, num quadro que somente começa a ser modificado com as conquistas asseguradas pela Constituição de 1988.

Outra questão revelada pela pesquisa remete as relações de poder que são instituídas e vivenciadas no interior da entidade sindical e que se apresentaram marcadas pela desigualdade. À mulher eram reservadas atividades básicas como faxineira, cozinheira, ajudante de secretaria, funções e atribuições consideradas como *inatas a condição feminina*. Aos homens a posição de mando. Esse tipo de modelagem política do espaço sindical, segundo relatos das entrevistadas, confirmam que uns dos fatores que favorecem a desigualdade de gênero tem uma implicação cultural, pois as mulheres trabalhadoras rurais somente recentemente tiveram reconhecidos seus direitos trabalhistas.

Por fim, é possível considerar que as relações desiguais de gênero no STR de Uiraúna somente começam a serem modificadas no final da década de 90 e início de 2000 com o apoio da Igreja Católica e de outros movimentos sociais que começam a publicizar os contextos de desigualdades que marcavam a sociedade brasileira. Mudanças que permitem uma maior participação feminina nos sindicatos e, em conseqüência, um maior envolvimento das mulheres nas posições de comando e deliberação, alterando o perfil do sindicato, que deixa seu lado mais de órgão previdenciário e assume uma postura mais combativa na defesa dos direitos dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- BRUNER, A. **Previdência social rural e gênero**. In: Sociologia. Porto Alegre, ano 4, N.º.7, Jan/Jun 2002, p.50-81.
- CASTRO, M. G.. Gênero e poder no espaço sindical. In: **Revista de estudo feminista: IFCS/UFRJ**. Vol. 3. N.º 1, 199, p. 29-51.
- CASTRO, Nadya Araújo; GUIMARÃES, Iracema Brandão: Divisão sexual do trabalho, produção e reprodução. In: SIQUEIRA, D. E. (Org.). **Relações de trabalho, relações de poder**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997, p. 177-211.
- COELHO, F.. PARA ALÉM DO ESPIRITUAL: reflexões sobre Igreja e trabalhadores rurais sem-terra (1970-1980). In: **Revista Angelus Novus**. N.º 3, 2012. Disponível em: <http://www.usp.br/ran/ojs/index.php/angelusnovus/article/viewFile/135/pdf_35>. Acesso em: 11 Nov. 2014.
- CONTAG. **Publicação Referente ao 40º Aniversario da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura**. Contag - Fundada em 22 de Fevereiro de 1963.
- CUNHA, M. I. M. S. A.. Regras especiais de proteção: o trabalho da mulher. In: **Direito do trabalho**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- DELGADO, M, B, G.. Mais mulheres na direção da CUT. In: **Revista de Estudo Feminista**. IFCS/UFRJ-PPCIS/UERJ. Vol. 4. N.º. 1, 1996, p. 138-147.
- DUMENIL, G.; LEVY, D.. Neoliberalismo: neo-imperialismo. In: **Economia e Sociedade**. Vol. 16. N.º.1, pp. 1-19. ISSN 0104-0618, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n1/a01v16n1>>. Acesso em: 05. Fev. 2015.
- FARIA, N.; NOBRE, M.. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.
- FELICIANO, V. O.; RIBEIRO, D. F.. **Trabalho domiciliar e a desigualdade de gênero**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/142.%20trabalho%20domiciliar%20e%20a%20desigualdade%20de%20g%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 17. Jan. 2015.
- GIANNITTI, V.. **História dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIULANI, P. C.. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- GROSSI, M. P.; MIGUEL, S. M.. Transformando a diferença: As mulheres na política. In: **Revista de Estudo Feminista**. CFH/CCE/UFSC. Vol. 9. N.º. 1, 2001, p.167-195.
- HEINEN, M. I. **Direito e obrigação do empregado rural**: manual de orientação para dirigentes dos sindicatos de trabalhadores rurais. Brasília: CONTAG, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Uiraúna-PB**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/uirauna.pdf>>. Acesso em: 04 Nov. 2014.

- KUMMEL, I. F. B.; KUMMEL, M. B.. **Sindicalismo brasileiro do sindicato controlado de Getúlio á liberdade sindical de 1988**. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2001/36/sindicalismo.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2014.
- LOURO, G. L.. Nas redes do conceito de gênero. *In*: Lopes, M. J. D; MEYER, D. E; WALDOW, V. R. (orgs). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996, p. 7-18
- MARTINS, S. P.. **Direito do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1996.
- MATOS, M.; CORTÊS, I. R.. **Mais mulheres no poder**: contribuição á formação política das mulheres. Brasília: Secretaria de Política para as Mulheres, 2012.
- MATOS, V. C. S.. Um estudo histórico das relações de gênero e Classe. *In*: **Revista Multidisciplinar da Uniesp**. Saber acadêmico. N° 7. Jun/2009.
- MIRANDA, M. B. História do sindicalismo no Brasil. *In*: **Revista Virtual Direito do Brasil**. Vol. 5. N° 1, 2011. Disponível em: <<http://www.direitobrasil.adv.br/arquivospdf/revista/revistav51/ensaios/be1.pdf>>. Acesso em 24 Ago. 2014.
- OLIVEIRA, L. M.. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: CUT, 1999.
- PENA, M. V. J. **Mulheres e trabalhadoras**: presença feminina na construção do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PERROT, M.. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SILVA, M. G.; DIAS, M. M.. **Organização política, agricultura Familiar e estratégica de (DES) envolvendo local**: O caso de Esperança Feliz- MG. Universidade Federal de Viçosa, 2009 Disponível em: <http://www.ufv.br/der/wpapers/ext_rural/TD01-09%20ER%20-%20Texto%20Col%F3quio%20Espera%20Feliz.pdf>. Acesso em: 05 Ago. 2014.
- SIQUEIRA, D. E (Org.). **Relações de trabalho, relações de poder**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997.
- SOIHET, R.. História das Mulheres. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da Historia. Ensaio de Teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SUPPLY, M.. Novos paradigmas nas esperas de poder. *In*: **revista de estudo feminista**. IFCS/ EFRJ- PPCIS/UERJ. Vol.4. N° 1, 1995.
- TELES, M. A. A.. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TIMOTEOT, C. Q.. As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a America Latina. *In*: **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina - Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro**, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v7_carolina_GVII.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2015.
- TORRES, I. C.. **As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder**. São Paulo: Cortez, 2002.
- WOITOWICZ, K. J.. A violência contra a mulher na pauta da imprensa feminista- traços de uma trajetória de luta e conquista do movimento de mulheres no Brasil entre os anos de 1970/80. *In*: **V Congresso Nacional de História da Mídia**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007->

1/A%20violencia%20contra%20a%20mulher%20na%20pauta%20da%20imprensa%20femini
sta%20-%20Tracos%20de%20uma.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2014.

_____. Vozes do feminismo na imprensa alternativa: as lutas das mulheres nos jornais de
oposição no período da ditadura militar no Brasil. *In: 3º Encontro da Rede Alfredo de
Carvalho.* Novo Hamburgo, 2005. Disponível em:
<<http://pt.scribd.com/doc/218359749/Vozes-Do-Feminismo-Na-Imprensa-Alternativa>>.
Acesso em: 05 jul. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo Relações de gênero e movimento sindical: relatos e vivências das mulheres no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna – PB coordenado pelo professor (a) Nadvania Alexandre Limão e vinculado a Unidade Acadêmica de Ciências Sociais UFCG.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo observar como a desigualdade de gênero é historicamente construída na prática sindical, apreender como a prática sindical desqualifica a atuação feminina e investigar como são construídas as relações de homens e mulheres na prática sindical e se faz necessário para a apresentação do trabalho final para conclusão do curso.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: Entrevista. Os riscos envolvidos com sua participação são: Não a riscos. Os benefícios da pesquisa serão: Produz resultados favoráveis para o trabalho.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Nadvania Alexandre Limão, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa**Nome:** NadvaniaAlexandre Limão**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grandes UFCG**Endereço:** Rua Floriano Peixoto nº 161**Telefone:** 91175612**Email:** Nady.una@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

UIRÀUNA-PB-----de -----

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

2 Qual a idade?

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

5 Como era a posição das mulheres e homem dentro dessa instituição?

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

ANEXOS

**ANEXO 2 - ALVARÁ DE LICENÇA PARA LOCALIZAÇÃO DO SINDICATO DOS
TRABALHADORES RURAIS DE UIRAÚNA**

PREFEITURA MUNICIPAL DE UIRAÚNA

DIVISÃO DE FINANÇAS
SETOR DE TRIBUTAÇÃO E CADASTRO

ALVARÁ DE LICENÇA PARA LOCALIZAÇÃO

CONCEDIDO

A SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE UIRAÚNA - PB.

LOCALIZADO À RUA JOSÉ JOAQUIM DUARTE NESTA CIDADE DE UIRAÚNA-PB

COM ATIVIDADE PRINCIPAL SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS DE UIRAÚNA.

N.º DA INSCRIÇÃO 231 HORÁRIO 7,00 AS 17,00
HORAS

EMITIDO EM 16 DE OUTUBRO DE 19 88 75

ASSINATURA E CARGO

Manoel Vicente de Sousa
Ch. Dpto de TRIBUTAÇÃO DESTA EDILIDADE
MANOEL VICENTE DE SOUSA.

ASSINATURA DO FISCAL DE RENDAS

QUITAÇÃO

EXERCÍCIO DE 19 92

N.º DO RECIBO 3380 DATA 29 DE 09 DE 19 92

ASSINATURA DO FISCAL *Manoel Vicente de Sousa*

EXERCÍCIO DE 19 99

N.º DO RECIBO 3381 DATA 29 DE 09 DE 19 99

ASSINATURA DO FISCAL *Manoel Vicente de Sousa*

EXERCÍCIO DE 19 2000

N.º DO RECIBO 3382 DATA 28 DE DEZEMBRO DE 19 2000

ASSINATURA DO FISCAL *Manoel Vicente de Sousa*

EXERCÍCIO DE 19

N.º DO RECIBO DATA DE DE 19

ASSINATURA DO FISCAL *[assinatura ilegível]*

ESTE ALVARÁ DEVE SER COLOCADO EM LUGAR DE DESTAQUE

ANEXO 3 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 01

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistada 01 - Mulher

2 Qual a idade?

44 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

A formação do sindicato, antigamente, o sindicato eram feito para os homens e colocava a mulher como dependentes, eram poucas as mulheres independentes só os homens tinha mais direito de associar, isso para poder distração de dentes e outras coisas, ou seja, naquela época não tinha avanço como hoje, quase todo mundo precisava arrancar dente para arranca tinha que ter o sindicato. Na ficha do sindicato o homem colocava o nome da esposa dos filhos dos netos. O próprio Vanduir saia de casa em casa formando a diretoria, e depois ia montado no cavalo de casa em casa fazendo associação dos homens na própria residência. A minha chegada aqui no sindicato primeiro fiquei prestando serviço no sindicato, já era militante do movimento sindical gostava muito desse movimento, era sócio, ai comecei a atender o trabalhador rural e ver que tinha que ter algumas mudanças, comecei nessa nova mudança o povo pediram a me para candidatar. Meu maior objetivo na época, eu tenho um terreno na zona rural e estava precisando de uma perfuração de um poço como era muito caro a perfuração de um poço, ai pensei se eu não tenho condições imagina um pequeno trabalhador rural, foi ai que despertei a luta por ele aqui no sindicato. Antes o sindicato era mais presidência e INSS, o trabalhador só vinha atrás da aposentadoria, salário maternidade, auxilio reclusão, só presidência quando entrei comecei a mudar isso ai. Agente começou a mudar, tem trabalhador que tem uma moto e tem a declaração de cinqüenta por cento de desconto quando vai emplacar a moto, que antes não tinha essa é uma luta nossa, a casa do trabalhador rural que agente tem em João Pessoa, e um centro de treinamento do trabalhador, em João pessoa e em Patos são todos feito com o dinheiro do trabalhador rural são recurso próprios e direito dele, são direito tanto do trabalhador rural como dos filhos dos netos e toda família.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

Quem poderia se associar quem morava no município quem provasse que dois anos era trabalhador rural e provasse que não tinha nenhum vínculo, ou seja, carteira assinada. Para comandar não avia eleição a própria pessoa Vanduir, era por exclamação indicava nome, desse nome fazia a chapa e comandava de cara sem serie sem nada e era só homem.

5 Como era a posição das mulheres e homens dentro dessa instituição?

A posição do homem antigamente era o varão, quem mandava e comandava e a mulheres dependentes. O fluxo, agente olhando antigamente o fluxo de mulheres era pouca, pouco mulher associava porque até então a mulher não tinha direito a aposentadoria rural, depois foi homologado no ministério do direito da mulher ingressar no movimento sindical, porque o direito era do homem se aposentar com sessenta anos e a mulher era dependente, tudo girava em torno do homem.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

Convivência de homens e mulheres é harmoniosa sabemos que os direitos são iguais, mas não deixa de criticar alguma coisa quando não dar certo para o trabalhador, mas as criticas levo mais do povo de fora do que dos trabalhadores.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

A nossa maior dificuldade encontrada aqui era quando o trabalhador vinha buscar o seu direito mesmo morando na zona rural, esse direito era negado, chegava o tempo de se aposentar ou adoecia quando dava entrada no direito dele, direito do trabalhador esse direito era negado.

Com os movimentos sindicais, começaram a despertar nos presidentes, agente ia para os congressos ficava acampado nos ministério reivindicando o direito para o trabalhador e trabalhadora rural, onde agente conseguia muita coisa.

8 O que levou as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

O que levaram a mulher na verdade a lutar foi à necessidade de cada mulher. Com o movimento sindical foi dado o direito a mulher a ter direito a aposentadoria com 55 anos, depois a mulher ter o direito salário maternidade foi onde ouve a mudança de hoje ter mais

mulheres associadas do que homens. Foi através das lutas sindicais para os direitos das mulheres, que a gente conseguiu que a mulher despertasse.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

A marcha das margaridas é um marco na história, ela é paraibana, ela lutou por melhores condições de trabalho no corte de cana dos homens e também segurança por ela lutar foi assassinada na frente de um filho de onze anos de idade, quem participou foi o presidente da federação Caboquinho ele é de patos, essa marcha despertou as mulheres.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

As atividades naquele tempo era o presidente, secretário e tesoureiro todos homens que mandava e desmandava. A mudança de lá pra cá é que hoje em dia para se formar uma chapa tem cotas, então alguns anos atrás trinta por cento de cotas para mulheres se não tiver trinta por cento de cotas para a diretoria de mulheres essa candidatura não pode ser registrada, hoje dois mil e quatorze já tem cota de jovem antes era homens e mulher já tem cota dos jovens, os jovens tem que ter a participação no movimento sindical, antes não se interessava que morava na zona rural, hoje a realidade é outra.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

Eu já participei de uma discriminação de uma trabalhadora rural só porque ela foi bem arrumada para o INSS. Foi buscar um direito de um salário maternidade como ela era uma jovem bonita mais da rosa eles discriminaram dizendo que ela não era da rosa, porque eles acham quem é trabalhador rural tem que ser feio, as unha encardida. E eu como tava lá questioneei ao chefe e a resposta que ele me deu foi que ele observa o andar, o falar, o vestir e o caminha, eles sabem quem é trabalhador rural. Infelizmente a gente manda uma jovem buscar o direito maternidade agente pede para ela ir simples, isso dói muito na gente, como é que a gente estar atrás do direito e chegar pra ela e manda ela ir simples, isso quer dizer que um trabalhador rural não pode ir arrumada isso foi uma discriminação que encontrei foi essa.

E também de uma senhora que acompanhei para o INSS quando ele jogou os dados dela por coincidência tinha uma pessoa com o mesmo nome dela no Rio de Janeiro, o servidor insistiu que ela morava no rio de janeiro, porque tinha uma mulher com o mesmo nome dela no Rio de Janeiro, só que ele não observou que no documento os pais era diferente, a idade era diferente e o CPF também era diferente e lhe afirmou que ela era do Rio de Janeiro e tinha

firmar aberta. A senhora chegou até a se internar, ela adoeceu porque nunca tinha saído da rosa. Mas agente estar tentando quebrar esse preconceito mais é muito difícil o preconceito com o trabalhador rural.

O programa a fazenda sou revoltadíssima com esse programa porquê? Quando diz assim vai ser eliminado ele indica para rosa como a rosa fosse um castigo, eu sou revoltada quando um ator fulano de tal não fez a coisa direito vai pra roça e fica no seleiro sou revoltada como a mídia mostra o trabalhador rural, sabe que é sofrido mais são pessoas que também tem condições tem muitas pessoas na zona rural que tem internet, celular, televisão a tecnologia também chegou lá, mais a mídia mostra o que? Se você não é bom vai pra rosa como um castigo. Mais ele não sabe que essa pessoa da roça, é aquela pessoa que planta, que colhe e atrás o alimento e se não fosse ele, como a alimentação vinha para nossa mesa.

A dificuldade é muito grande, no papel a gente ver muita coisa bonita. Mas em ação mesmo a gente não consegue nada. Mas existe muito programa bom o PNHR, (Projeto Nacional de Habitação Rural), o governo viu que o homem estava se evadindo do campo para a cidade e na cidade aparecendo mais favela, o governo investiu em moradia digna do homem do campo para que ele não saísse de lá e não perdessem sua origem e suas raízes. Esse projeto é muito bom. A gente estar correndo atrás de perfuração de poços e outras coisas.

Houve agora na Paraíba ano retrasado o grito da terra Paraíba tinha mais de cinco mil trabalhadores rurais com a enxada na mão em frente ao governador Ricardo Cotinho para reivindicar, e houve muita melhoria como a perfuração de poços cisterna que são luta do movimento sindical e não do município e da EMATER.

12 Porque, apesar das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil, a mulher só veio assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

Antes nenhuma mulher não teria tido coragem de entrar no movimento sindical e lutar pela presidência e uma das questões foi devido à pessoa que tava no poder querer perpetuar e não dava oportunidade a mulher e outras pessoas. Em 2012 houve um projeto que cada pessoa tinha direito a dois anos de mandatos podia fazer o rodízio presidente, secretario e tesoureiro, só que a Paraíba não ganhou na votação e ficou até quanto tempo o povo quisesse, agente tá aqui mas quem tira é o povo e quem bota para fora é o povo, eu não quero passar mais de 30 anos como os outros. Vejo a mudança no movimento sindical quando vou para as reuniões em João Pessoa só via mais homens e idosos todos presidentes, tesoureiros e secretários não

queria sair, essa realidade mudou hoje vejo jovens, mais mulheres presidindo, mudou muita coisa, a mulher é mais organizada que os homens.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

As formas administrativas hoje, temos a participação de jovens que não tinha, hoje vemos que muita coisa mudou nas organizações dos sindicatos a participação de mais mulheres que também tem seu direito de participar na diretoria das instituições. Porque antigamente era só homem na direção.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

O sindicato daqui houve alguma irregularidade e uma pessoa entrou na justiça pedindo o afastamento do presidente atual que era Francisco Feliz de Lima Chico Muliquim e colocou uma junta para governar e presidir as eleições e nessa junta fui intercalada a ajudar prestando serviços, como já tava lá, eu fui indicada como já era militante do movimento e o povo queria mudança e me interessei a candidatar e já estou no terceiro mandato. Quando entrei aqui comecei ver os ofícios engavetados muitos deles não abria e me despertou, quando começou chegar ofícios comecei a participar das reuniões em João Pessoa, chegando lá vendo a estrutura da federação, um auditório para mais de quinhentas pessoas, alojamentos para trabalhador e trabalhadora, agora mesmo no dia vinte e oito até o dia trinta vai ter a semana do idoso, agente leva três idosos disponíveis a ir lá, o idoso vai ter um dia para verificar pressão fazer exames, corte de cabelo, fazer as unhas, para o encerramento um forro pé de serra na praia na presença dos militantes e médicos para acompanhar, tem também o dia do jovem isso é muito bom, o trabalhador rural tem direito.

Quando comecei a participar das reuniões em João Pessoa os homens não olhavam com bons olhos, porque achava que a mulher estava ocupando espaço demais tomando o lugar deles, que as mulheres não podiam lutar participar de reuniões fora, mas direito são iguais, se não tivesse ido atrás olhando esses ofícios para saber o que era hoje não fazia parte da federação, hoje faço parte da federação, representando o sertão como segunda secretaria da formação sindical, quando há eleição do sindicato aqui no sertão estou representando a nossa instituição de Uiraúna e a federação que é um órgão maior, é muito gratificante esse trabalho.

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 02

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistada 02 - Mulher

2 Qual a idade?

44 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

Da fundação não sei não, fui do tempo de Chico Muliquim. A minha trajetória eu mim associei dizendo que trabalhava na rosa, quantos tarefa de terra, quanto colhia por ano de legume essa coisa, colocando uma base a gente se associava, mas não fui aposentada por lá, foi por tempo de serviço.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

As pessoas que podia associar era aquelas pessoas que trabalhava na roça ai podia associar, já aquelas pessoa que tinha propriedade que tinha mais condições esse já era no outro sindicato que era sindicato patronal. Homem, mulher podia associar, e quem comandava era os homens a mulher fazia outros trabalho como preenche ficha, limpeza.

5 Como era a posição das mulheres e homens dentro dessa instituição?

A mulher se associava lá era tinha direito uma ficha para leva para consulta no posto agente fornecia aquela ficha e ela levava. Era funcionaria trabalhava lá recebia ganhava uma mixaria de dinheiro, o presidente recebia uma porcentagem maior que vinha do sindicato lá do centro que era em Patos. A mulher fornecia ficha, e limpava era discriminada nada de valor. Quando ele formava a diretoria do sindicato tinha o presidente tinha o vice presidente tinha o tesoureiro quem pegava no dinheiro quando vinha a porcentagem do sindicato de Patos ai vinha aquela porcentagem o presidente ia presta as contas ia fazer o pagamento. E nós que trabalhava lá, funcionaria de lá como ajudante fornecia ficha preenchida ata, a mulher era só isso não tinha voz ativa, quando tinha uma questão de um trabalhado rural, quando o patrão não pagava seus direitos, o trabalhador ia para o sindicato, o presidente quem resolvia aquela

questão ia conversa e entra em acordo, no mesmo caso a mulher com o patrão, o presidente quem resolvia a mulher não resolvia nada tudo era o presidente.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

Os homens participava das reuniões e às vezes quando saia para fazer as reunião no sitio as mulheres ia às vezes, e o povo fazia a reivindicação mas nunca vinha nada, poço artesanato perdia para abrir uma usina. Na reunião fora só quem ia era o presidente e às vezes o vice presidente. A convivência era assim.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

As dificuldades se você não pegasse aquela ficha do sindicato para ir para Sousa você não era atendida as dificuldades era essa para o trabalhador e trabalhadora, e outra reivindicava e não vinha pra o trabalhador rural. A mulher não tinha voz e nem vez de coisa boa assistência.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Teve a luta da irmã de dos remédios ela lutou muito, mas não consegui vencer Chico Muliquim não, logo ele era político conseguia as coisas do jeito dele, a menina foi forte com padre Cleide na luta para derrubar Chico Muliquim.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Influenciou muito acho que depois que começaram a luta dessa mulher e sua morte, despertou na mulher ir a luta.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

As atividades no sindicato, os homem era na diretoria e as mulheres preenchendo as fichas, para distração de dentes consulta. A mulher não tinha voz ativa, o homem que comandava tudo no sindicato.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

As discriminações eram que ele os trabalhadores reivindicava o direito dele e não vinha só prometia não vinha nada, tinha aposentaria que era luta dar certo e ele tinha direito, na perfuração de poço, maquina ficava esperando e não vinha.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

Mais no tempo de Chico Muliquim foi em 1986 por ai assim, a mulher tinha muita chance não nessas coisas de poder não, só depois de um tempo que entrou a irmã de Dos Remédios como já falei, mas Chico Muliquim sempre ganhava porque era político ganhava , cambiava os votos para ele. A irmã de Dos Remédio lutou muito mas não conseguiu tomar dele não foram até pra justiça.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

No tempo de Chico Muliquim ele quem administrava o sindicato ele era o chefe, agora não sei dizer como é a administração de Creusa, sair de lá faz tempo, hoje o povo pouco procura o sindicato só pra resolver aposentadoria eu acho.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

A chegada de Creusa não sei dizer não porque já não tava mais lá, agora deve ser diferente tem mais coisa, deve ter conseguido outros projetos, hoje as coisas tamais moderna, diferente de antes daquele tempo.

ANEXO 5 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 03

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistada 03 - Mulher

2 Qual a idade?

37 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

Eu não tenho informação do início da história do sindicato, as informações que eu tenho é que iniciou com o senhor Chico Muliquinho se teve outra pessoa eu não sei, porque tava com mais de trinta anos que ele estava na presidência passando de pai para filho, se teve outra pessoa não sei informar. A minha chegada foi através de uma necessidade, por se agricultora na época e tinha um filho pequeno fui da entrada no benefício, salário maternidade e chegando lá, antes tinha tido carteira assinada de uma empresa, mas fazia tempo que deixei de exercer, comecei viver da agricultura como desde criança sou, sou filha de agricultor e morava no sítio e trabalhei na rosa. Comecei na luta porque me identificava com os trabalhadores e era agricultora e a necessidade também e nesse tempo ouvia os sofrimentos dos trabalhadores rurais para se aposentar dava muitas viagens, era um massacre e fui também vítima desse massacre. Ai surgiu às eleições com o apoio de Padre Cleides, nesse tempo era engajada na paróquia fazia parte da pastoral da criança e animadora de bairro ai foi me despertando a lutar. Comecei a lutar pelo sindicato mais justo, pelo menos na questão da aposentadoria para o homem do campo que era sofrido. Quando cheguei no INSS dizendo que tinha direito no salário maternidade, e ele dizia que não tinha, porque fazia pouco tempo que tinha carteira assinada e pouco tempo de sindicato, eu gastei o que não tinha. Ai comecei junto com Padre Cleides, entrei na luta, onde fiz muitas reuniões nos bairros e sítios com os trabalhadores, ninguém teve coragem de enfrentar a presidência só eu, formei uma chapa ir fomos a luta quase que ganhava o sindicato só pedir por cento e poucos votos, pra ser a primeira vez e tirar um poderio de trinta anos fui vitoriosa, e depois começamos a luta na justiça, fomos procurar prestação de contas, reunião de prestação de contas nada ele tinha, ele não fazia reunião, inventava uma ata qualquer, esperava o agricultor que passar e mandava eles assinar, conseguimos prova desse trabalho e caçamos ele, ele perdeu a presidência do sindicato, ai

formou uma junta, de direito eu que deveria assumir, mas não, devido o regime do sindicato tinha um estatuto e o estatuto já não rege, o sindicato fecha as portas para o trabalhador demais, ai foi onde comecei estudar o estatuto para o INSS a visitar outros sindicatos como o de São José de Piranhas, o de Aparecida, e porque o sindicato de Uiraúna não tinha credibilidade e as aposentadoria era negada.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

A pessoa que fosse realmente agricultor, quem exercesse a atividade agrícola, só que o presidente na época associava todo mundo bastava ser neta de agricultor que morasse na cidade, mais por ser neta de agricultor associava o sindicato não regia isso, pra você ser sócio tinha quer exerce a atividade agrícola, ele associava todo mundo muito comerciante aqui no Uiraúna é associado foi por isso que o sindicato perdeu credibilidade. Quem comandava o sindicato era o presidente era só homem, não existia mulher, existia uma tal de Rosiline, mais ela só ajudava, ganhava um pequena quantia nem salário era, porque vir muitos bilhetes dela pedindo dinheiro aos trabalhadores rurais pra vir deixa o dinheiro, nesse tempo ela ajudava nas aposentadoria, quando comecei trabalha lá vinha muito trabalhador deixar galinha, ovos ai falava traga não a gente ganha pra isso, é obrigação do sindicato, ai com o tempo o povo foi deixando mais antes os trabalhadores era intimidado por eles dar certo tipo de coisa na época

5 Como era a posição das mulheres e homem dentro dessa instituição?

A mulher não tinha vez não, era praticamente homem se você pegou o histórico do sindicato no inicio só era homens e acredito que a primeira mulher que se lançou a presidente do sindicato foi eu, e o povo não acreditava mulhezinha pequena do sitio não vai fazer nada, quando a junta entrou comecei mais a prestar serviço, ai já foi entrando outras brigas não mais com Chico Muliquinho que saiu a custa da justiça só não foi preso por conta da idade já tinha mais de setenta anos mais as irregularidade era grande.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

Muito boa.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

As dificuldades uma delas é que os trabalhadores não tinham vez de nada, as pessoas que comandava o sindicato não tem uma abertura em busca de um bem comum em prol da classe, porque os que trabalhavam lá não se identificavam com a classe agricultora, na época que fiquei lá não tinha como fazer alguma coisa porque não era presidente, nunca cheguei a ser presidente, fui quatro vezes, ia pra justiça mais entrava os políticos pelo meio e eu sempre saia perdendo, mesmo com o apoio de Padre Cleides, eles usava que eu ia tomar as terras do agricultor.

Lá não tinha benefício, exame de vista, um tratamento de dentário, benefício que o trabalhador tem direito toda classe precisa de melhoria. Na época tinha um aparelho de dente muito acabado, o período que tava lá com o presidente incentivei ele a lutar pelo exame de vista e conseguimos. Mas não tinha um local para atender as pessoas o local era precário não tinha nada, casa velha.

Eu tinha proposta para construir uma sede própria com sala de reunião, com ambiente para atender o trabalhador rural uma agricultora que tava grávida ter onde ficar para receber seu bebe um projeto de melhoria para o trabalhador era uma luta minha. Eu fui mostrando o valor da mulher fazendo reuniões nas comunidades com as mulheres da rosa se associar.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

O que me levou a lutar foi o massacre com os trabalhadores, pois era um povo desinformado sofrido, e quando ao atrás de um benefício já estava no fim da vida.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Sim com certeza comecei a ver um pouco da historia dela, de Margarida Maria Alves, por ser a primeira mulher da história do sertão que morreu em defesa dos agricultores pelos latifundiários, isso impulsionou a lutar também, a luta pela classe dos menos desfavorecidos, eu fiz muitas reuniões mostra o papel dela. Aqui no Uiraúna é muito difícil faze esse trabalho isso hoje,. Eu fiz muitas reuniões mostrando que o sindicato não é só para a aposentadoria, tem outros benefícios porque entra dinheiro com a mensalidade dos sócios. Hoje estar do mesmo jeito é só para beneficiar uma família que tem condições.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

A questão financeira é do homem, ele quem comandava o dinheiro, a mulher era para procurar ficha, trabalho burocrático, mas a questão do dinheiro quem comandava era o

homem, mas por trás das coisas precisava vir até a mulher porque o presidente não sabia de nada.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

Eu fui muito discriminada em discordar de associar as pessoas sem comprovar que era agricultora de verdade, porque tinha pessoas que levavam o INCRA de qualquer agricultor e associava, eu não aceitava, mas não era presidente não tinha poder de decidir quem decidia era o presidente, mas discordava porque sabia que não era agricultora.

Outra discriminação foi por ser mulher e do sítio, porque a outra que tá lá hoje ganhou porque é da cidade o conhecimento do povo era pequeno, isso foi uma discriminação. E o trabalhador não tinha nem água para beber, café, e quando comecei lá fui pedindo café chá para os trabalhadores que vinha do sítio, tratava eles como fosse um lixo.

A discriminação por ser mulher, por se mulher já tinha certo limite a alguns documentos ele tinha medo, quando ia atrás de algum documento ficava em cima de mim, porque era bem viva em qualquer coisa, eu ficava de orelha em pé, eu era muito limitada dentro do próprio sindicato muito vigiada.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

A mulher tinha medo de enfrentar o homem e a própria sociedade o rejeitava, quando a mulher começou a despertar através de Margarida Maria Alves e da igreja que ajudou começando a dar espaço à mulher, ela viu que o papel não era só tá dentro de casa precisava e muito além, foi a partir daí. No século dezoito era escondida só era do quarto para cozinha não podia ir na sala.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

A posição administrativa é igual, não vejo que mudou não.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

Infelizmente fiquei decepcionada, com a presidente atual não vejo que foi boa, continuou do mesmo ritmo, o monopólio só a família dela, hoje isso aí é até crime. Não fez uma sede só estar enriquecendo não vejo um benefício para os trabalhadores nem uma manifestação faz no dia do trabalho sabe por que ela nunca foi agricultora, não é agricultora, por isso que

decepçãoi porque a mulher que está lá dentro não é a mulher ideal não é agricultora, ela não sabe a necessidade do agricultor ela nunca sofreu, nunca foi agricultora.

ANEXO 6 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 04

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistada 04 - Mulher

2 Qual a idade?

37 anos

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

O sindicato surgiu em, ele foi reconhecido foi no dia dez não, dezesseis do dez de mil novecentos e setenta e quatro, só que antes era Vanduir só que ele hoje já morreu veio à formação só que ele era alcoólatra, vinha uma cota que ainda hoje quem come é a prefeitura, eu digo e provo, porque o finado Vanduir era alcoólatra lá, ai veio do estado para entidade para poder ter mantimento só que o finado Vanduir era alcoólatra ai a cota que ainda hoje Chico Muliquim passou mais de trinta e pouco anos e não conseguiu tirar essa cota , quem como é o prefeito tanto faz o que foi, o que é, o atual quem come é ele , a prefeitura, ele lutou mais não conseguiu Chico Muliquim. Foi assim, porque mãe viveu com Chico Muliquim dez anos, eu trabalhava lá em Auxiliadora vínhamos do sitio eu com quatorze anos vim do sitio quando cheguei mãe viveu com ele dez anos , ai trabalhei um ano lá em Auxiliadora ai depois disso Chico Muliquim mim associou, associou mãe, eu e tudo lá de casa porque depois dos quatorze anos podia associar pois o sindicato após quatorze anos podia associar, ai casei com Valto ai associou Valto também, trabalhei lá muitos anos depois deixei de trabalhar porque não queria mais.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

Só quem podia se associado quem vivia no sitio e que era agricultor, ai você vinha com o proprietário e fazia o contrato de parceria ou particular só pode assim na época que trabalhava. O meu foi com INCRA de pai que é proprietário, só quem podia comandar era agricultor era como político hoje tinha que ter um terço da parte para mulher e para homem, mas isso não existia lá só homem que podia comandar a diretoria do sindicato.

5 Como era a posição das mulheres e homem dentro dessa instituição?

A posição era igual à de homem e de mulher Chico Muliquim é muito bom associava todo mundo sendo agricultor homem, mulher todo mundo, tudo que ele podia fazer fazia para associar ele fazia igual fosse agricultor tanto fazia homem, mulher.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

A convivência era igual Chico Muliquim e Creusa é igual, Chico Muliquim tanto fazia um rico, pobre, o menino com uma ordem do pai para fazer isso, atendia, ele e Creusa e tudo assim mesmo. Era boa a relação no tempo o que dizer do tempo que trabalhei lá não, tudo respeitava.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direitos no espaço sindical?

Peguei na coleção de DR. Belzinho, ele tava fazendo três salários maternidade de uma moradora dele, só que elas não tinham como provar ai fiz um contrato de parceria e ele foi para o INSS com as três quando chegaram, elas não passaram tudo branquinha filha de Raimundo, ai só que elas tudo branquinha não aprovaram, Dr. Belzinho como o contrato parecia que na entrevista elas não passarão tudo branquinha, Dr. Belzinho veio no sindicato para enfrentar como eu quem fazia veio me enfrentar eu fui para pegar ai Chico Muliquim tirou, ele queria que ela passasse sem poder, nenhum recebeu isso foi uma dificuldade grande. Na época de Mario Sobreira ele era secretario analfabeto só assinava o nome e eu quem fazia tudo, mas não era secretaria, ai houve um negócio de Chico Muliquim tu lembra quando a federal veio, fui chamada pela polícia federal de Patos, porque Mario Sobreira só sabia assinar o nome, ai eu fazia tudo a ata e ele só sabia assinar nome ai quando a polícia foi lá, e ele disse não é eu quem fazia era a menina era eu que assinava ai foi interrogada, ai fui na delegacia em Patos e disse eu assinei mas ele quem mandava, porque era fraca ai disse que era eu, porque fazia tudo e não era secretaria.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Eu trabalhei 28 anos lá teve um tempo que um homem lá do Madeiro irmão de Zé Ozório discutiu com Chico Muliquim tive que ligar pra Zé Muliquinho que o homem veio armado com o revólver, Chico Muliquim pulou o muro essa briga ai foi por causa de uns direitos que ele queria, teve a luta da irmã de dos remédios que lutou para tirar Chico Muliquim junto com o padre Cleide pense numa revolta desse povo foi até pra justiça.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Influenciou, elas começaram a participar mais, muitas aqui nem se interessava não, muitas só sabe por que queria era a aposentar, salário maternidade procurava mais isso sabe, os homens viam atrás de mais coisa além da aposentadoria.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

As atividades cada uma tinha a sua parte só, que a maioria quem assumia era Chico Muliquim e os tesoureiro, e secretario quem resolvia as coisas, eu trabalhava lá tudo fazia, trabalhei com Francisca, Lucineide saiu e eu fiquei lá trabalhando, foi no dia dez de julho de noventa e quatro passou a aposentadoria do FENRURAL para o sindicato ai tomei de conta dez anos só fazendo as fichas, eu nunca quis a presidência não gostava dessa coisa não também não podia.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

Muita gente era assim chegava no sindicato tipo esculambava eu, eu não aguentava partia em cima , agente , porque fazia processo e ia para o INSS quando chegava lá o INSS desaprovava só que não ia para o INSS vinha para nós, que nós era pequeno, levei muita, muita coisa, mais eu não ficava calada eu partia em cima Chico Muliquim ficava.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

A mulher antes não tinha com que lutar, Creusa depois passou a fazer comida, sanduíche, almoço cativou o povo, o povo gosta disso associava quem não era agricultor, o primeiro mandato dela associou o povo cativou muita coisa ela começou associar a família. Ela é uma guerreira porque ia atrás Chico Muliquim não ia trás das coisas hoje você paga o sindicato só a metade das coisas e Chico não ia, por causa de duas coisas, era político e ganhava a eleição através do sindicato muita coisa tinha que passar por cima.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

A forma de Chico Muliquim administra eram assim ele eram quem mandava nos só fazia o que ele mandava , quando ele não tava lá era o vice -presidente, eu só resolvia se ele

mandasse porque ele era o chefe, no tempo de Creusa ela quem manda tem muita gente trabalhando com ela a família dela.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

E ela vai passar trinta anos igual a Chico Muliquim. só que ela é uma guerreira, com a ajuda de Caboquim, ela conseguiu muita coisa, quando entra numa luta ela conseguiu muita coisa, os povos dos Binidito ajudava mesmo, entra na guerra e pra ganha mesmo. E com Caboquim da FETAG conseguiu mesmo.

ANEXO 7– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 05

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistado 01 - Homem

2 Qual a idade?

82 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

Vanduir Cartacho foi quem fundou o sindicato , pegou a trabalhar e por pouco mais começou a desfazer do que fazia , desgostou a sociedade ai o povo se afastou do sindicato, o prefeito dessa época era Dr. Manoel Nogueira Neto, Chico, todo mundo aqui insatisfeito com o regime de conviver a ser uma autoridade do sindicato que é muita coisa não é pouca é muita, basta ser trabalhador e trabalhadora rural. Aqui na cidade tem muita pessoa que vive na cidade e é agricultor e vive lá na roça, ainda hoje muito deles vejo passar. Vanduir bebia cachaça montava no cavalo e queria entrar na porta do povo, foi rebatado muitas vezes com cavalo querendo botar o cavalo na porta do povo, ai apareceu quem afastasse ele nessa época todo mundo abandonou o sindicato não fazia nada só fazia levar , era ele o presidente e a ajudante era Jacinta Sobreira , ai isso sócios chegava pagava aquele dinheirinho por mês, o que ele fazia pegava o dinheiro e no deixava a ajudante que era Jacinta Sobreira colocar nas costas da filha para comprovar que o sócio estava pagando, com esse desmantelo dele passou a beber cachaça num cavalo bêbado entrando bêbado na porta do povo , o prefeito insatisfeito com ele o povo abandonaram. Dr. Manoel nessa época eu ainda morava no sitio achava que dava certo pra mim ai ele foi na federação denunciou dele lá, e pediu a retirada dele no sindicato. Ai nesse tempo o presidente da FETAG Alvarez Diniz , ai Alvarez marcou um dia e veio, passou na casa dele já sabendo da história se escondeu ai o homem chegou e me chamou indicando pelo PT e me deu posse fui o primeiro presidente João de Zé Joaquim e João Vieira do Nascimento tesoureiro, queria que eu tirasse Jacinta mais eu deixei ai lembrei vou ficar com ela conviver mais com ela sabia que não era ela que recebia o dinheiro era o próprio Vanduir o presidente, ai foi Alvares Diniz marcou a eleição do sindicato que ainda estava

clandestino , ai foi um dia pegaram de surpresa eu não estava em casa Barbozinha foi quem deu o documento fazendo pergunta um dia de domingo já tinha ido pra o sitio morava em frente à casa de domingo mandaram chamar no Varrelo eu vim ai deu posse . Eu indiquei secretário João de Zé Joaquim e João Vieira ai veio o calendário da eleição não quis ser mais e passei pra José meu filho primeiro presidente eleito passou nove anos eu secretariando e depois eu vinte anos este é a história do sindicato deixei hoje porque mesmo quis.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

Os trabalhadores e trabalhadoras, pessoas que moravam no sitio e que era agricultor, que colhiam milho, feijão só não podia proprietário que possuía dois modos de terra 55 hectares passando de cem tarefa criatura pra lá dos hectares dar 110 pra frente não podia tinha o ouro do patrão porque já se chamava patrão, de acordo com a necessidade da pessoa que vinha requerer quaisquer coisas a gente observava o sentido dele e respondia ou atendia no que for possível atender, da pessoa de apoio do trabalho e a gente dava instruções e as pessoas ia chegando e ai prestava aqui o trabalho quando acontecia quaisquer coisa que ela não tinha poder de resolver me chamava e ia atender era de homem e mulher a administração.

5 Como era a posição das mulheres e homens dentro dessa instituição?

A mulher ficava em casa na luta da cozinha trabalhava na roça muitas delas que não tinha marido associava e participava das reuniões, a mulher era bem movimentada as vezes que o marido não podia associar por motivos e outras ela se associava no lugar dele, era no tempo você precisasse de uma guia de uma receita era preciso pegar uma guia para se consultar porque o médico era pago isso fiz a luta, associa muitas mulheres mesmo casada, o marido tinha sua ficha e ela tinha a dela, porque fiz isso? Porque veio o tempo de aposentadoria, isso serviu muito a própria mulher, ela provava que era agricultora com a ficha dela e com a do marido ela tinha o nome dela para comprovar. Quando começou a aposentadoria era discriminada tinha que ter grande prova. Aqui como usei essa tática mesmo, assim como o marido era associado também ela provava com a ficha dela que era agricultor e com a do marido dela constatava o nome dela. Aposentadoria hoje estão céu bom demais a mulher teve 60 anos e homem 65 não precisava de sindicato. Faltou outra coisa as mulheres que morava aqui dentro e o marido fosse associado e se ela quisesse associar a tinha uma fiscalização para saber se ela trabalha mesmo porque tinha muita avulsa.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

A convivência de homem e mulher era boa, boa participava da reunião, tinha dela que fazia pergunta assim como você está fazendo para responder às vezes vinha o chefe da federação e ela estava na reunião participava, tinha outros sócios e os que não era sócio participava até tomava gosto para se associar, a relação era boa.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

Os limites é o reconhecimento do trabalho que está fazendo só pode ser isso, as “dificuldade” da mentalidade que não atinge o que é necessário, as “dificuldade” de encontrar as coisas para o trabalhador e trabalhadora.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Durante o meu tempo nunca houve manifestação existia sim, as pessoas mais avançadas conversa aquele babão, e falava vou falar com o chefe e si calava, os políticos era contra o sindicato as pessoas foi ficando independentes, eu dei oportunidade a mulher quando era preciso de uma guia para se consultar eu dava. Para resolver os problemas não tinha nenhuma “dificuldade” nunca botei obstáculo em ninguém sempre deixei o povo a vontade para dizer resposta o que “subesse” e achasse necessário.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Como já disse eu já dava oportunidade à mulher, ela não precisava se manifesta quem é do meu tempo sabe que dava mesmo no sei agora como é.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

Homem e mulher era um conjunto de pessoas de quinze que existia na chapa, presidente secretario, tesoureiro, membro conselho fiscal esse povo ai.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

Às vezes encontrava pessoas que não reconhecia do trabalho que a gente prestava ao povo, era um sentido e ele tomava por outra, às vezes ficava até neurastênico, danado essas coisas, era essas coisas era isso ai, o não reconhecimento das pessoas no caso que ia acontecendo com o trabalhador, tinha vez que levava muita coisa.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

Era uma questão da federação CONTAG e federação que só era homem no sindicato, ai criaram a lei que a mulher também podia ser funcionaria do sindicato da CONTAG, FETAG ter também seu plano de trabalho e sua administração, teve mulher quando vinha a eleição parecia mulher candidata de certo tempo para lá, antes não só homem , até quando começou o sindicato mulher não tinha participação só os homens só os trabalhadores em cargo de presidente mais, depois criaram a lei que a mulher podia se candidata a presidência, e houve contra me por duas vezes , só que perdeu tinha Maria dos Remédios só que esqueci mais perdeu .

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

Na administração quando começou no meu tempo eu presidente vice Zé de Zé Joaquim e João Vieira tesoureiro que recebia o dinheiro e depois ia presta conta a me e as mulheres era para ajudar nas fichas, e em outras coisas agora no sei dizer não.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

Acho que é boa, depois eu sai e não sei dizer muita coisa não, ela continuou deve fazer alguma coisa.

ANEXO 8– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 06

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistado 02 - Homem

2 Qual a idade?

79 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

A fundação do sindicato foi por um homem que nos chamava aqui por Vanduir, mais o nome dele é Emidio Cartacho suplente de vereador em Bom Jesus- PB, em setenta e dois ele foi fundador, ele veio pra aqui porque tinha amizade na FETAG de João Pessoa, ele veio e fundou o sindicato, tinha uns companheiros que era Francisco conhecido por Patativa e João Alves da bulandeira já morreram, mas ouve um caso de discordância com eles, ai tiraram Vanduir. Veio um senhor da FETAG por nome de Juvenal criou uma junta governativa, essa tava Francisco Feliz de Lima (Chico Muliquim), João Joaquim Neto conhecido por (João de Zé Joaquim) e esse bem conhecido também João Vieira. A de Vanduir associava todo mundo que quisessem associar, já os três, eles três mandava, a FETAG veio e apostou ai depois veio à eleição o presidente foi Zé filho de Chico Muliquim, presidente eleito pelo sócio, ele é casado com o filho de dede de Cicia e Espedito trabalha lá no posto, foi eleito pelo povo com ele José Amacio, Raimundo Silva Araujo e ajudante Jacinta Sobreira, como Fiscal João Vicente essa pessoa aqui e Amario Antonio Francisco Primo de Jacinta Sobreira.

Quando cheguei lá foi assim, Vanduir chegou de momento mesmo perguntou se eu queria associar aceitei, foi um dia de sábado que ele chegou no outro dia, minha ficha o número é 55 quer dizer que na minha frente só tinha 54 pessoa homem, mulher e todo mundo só levar os documentos. Ele conversava demais e vencia muita gente o que queria era fundar o sindicato, muito valente e prometia as coisas exame de vista, aposentadoria, hoje no tem esse direito a mulher e homem se aposentar. Ai depois fui vice-presidente, secretario e participo até hoje.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

Todo mundo podia associar homem mulher sendo maior de idade podia, era só levar os documento que era agriculto ou trabalhava na terra do padrão podia, é um direito dele. Na presidência só era homens, só quem podia era homem tinha mulher mais era pra ajudar nas fichas, mas na presidência só eram homem. Nesse tempo tinha muito trabalho muita questão do campo, mas lá só quem resolvia era o homem o presidente, e se ele não tivesse lá era o vice que também era homem, as mulheres aqui não resolvia não lá em outra reunião que ia tinha mulher mais aqui não.

5 Como era a posição das mulheres e homem dentro dessa instituição?

Os homens tinha mais direito ainda hoje em muito canto é assim, foi obrigado uma lei para tirar os homens modo entrar trinta por cento das mulheres, elas tem direito se tiver tantos vereadores tantos por cento é da mulher a lei obrigar. Hoje ela tem direito antes não.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

A convivência do tempo que passei lá era muito boa, hoje ainda é assim, trabalhei com Rosilene, Maria, hoje não mora aqui não, mais eram muito boa a relação muito boa mesmo.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direito no espaço sindical?

Tudo era difícil para conseguir as coisas, até mesmo pra ele conseguir arranja as coisa, mas pelo menos a saúde daqui de Uiraúna que era derrubada ele conseguiu muita coisa pra arrancar dente, consulta se não fosse o sindicato não atendia. No tempo que trabalhei consegui muita aposentadoria que assinei, mas as coisas era muito difícil pra o trabalhador.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Tinha as manifestações no sindicato da irmã de Dos Remédios que lutou para derruba Chico Muliquim parece que não gostava do trabalho dele lá uma coisa assim, mas não conseguiu ganha dele não, ele derrubou ela. E tinha também as lutas por questão entre o trabalhador com Chico Muliquim ainda houve briga chamaram até a polícia nesse tempo.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Agora no sei dizer não, mais acho que influenciou as mulheres daqui viu. Vir falar dessa luta mesmo mais não lembro se influenciou viu.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

As atividades eram assim homem na presidência mais o vice e junto o tesoureiro quem cuidava do dinheiro, o presidente quem revolvia as causa mais passadas e as mulheres ficava nas fichas, na limpeza do sindicato ajeitando as coisas lá, mais quando ia pra João Pessoa tinha mulher na presidência era bem forte lá.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

No meu tempo quando fui por quatro vez secretario, três vez fui vice presidente. Tem povo que lembro o nome de todo mundo que assinei a aposentadoria, nunca tive discriminação era coisa de sabedoria de quem administra, a maioria do povo só quer crescer. Eu fui sempre uma pessoa que passei três anos no conselho fiscal nunca sentir nada, sempre fui um cara positivo aquilo que der eu digo quando via que o caso era pesado contra o trabalhador dizia logo faça logo o acordo que você não estar dentro do direito você acabou com ele.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

A reforma administrativa a mulher não podia mesmo não, só podia quando o congresso assinasse “juigase”, assinasse e “juigase” a não ser para o presidente da republica sancionar a lei antes não podia. Como o prefeito se um vereador faz um requerimento só voga depois que o prefeito assina.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

A administração de homem e mulher dependia de quem corria atrás das coisas, o almoço teve na mesa se não for não almoça, tudo era mesma coisa quando a pessoa que administrava é mais bom por povo conseguir mais coisa, mais quando não é vem a “dificuldade”, as pessoas que vai com a cara da gente consegui as coisa.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

A chegada da mulher do mesmo jeito do homem da avaliação do presidente da republica quem vai dizer, é quem assume as coisas e quem vai dizer se é bom é o povo que “juiga” se é bom ou ruim, sei que pra mim mesmo todos foi bom.

ANEXO 9– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 07

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistado 03 - Homem

2 Qual a idade?

69 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

Primeiro se formou por Vanduir e depois, por uma junta Governativa mais houve um problema com o presidente antigo teve que mudar o presidente do sindicato veio da federação e organizou uma diretoria quando não havia eleição que foi Chico Muliquim, depois filho dele e agora é Creusa. Eu associei no tempo de Chico, meu patrão foi Teodoro Figueiredo, aí levei os documentos e associei pra me aposentar e lá até hoje.

4 Quem eram as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

Eram as pessoas que moravam no meio rural que eram agricultor ou agricultora. E quem era empregado lá era mais homem tinha umas meninas lá mais era nas fichas e ajudar em outras coisas. Mas as coisas que resolvia era Chico, quando não tava era outro homem, hoje tem muita mulher lá ajudando Creusa.

5 Como era a posição das mulheres e homens dentro dessa instituição?

A posição da mulher lá dentro era assim, só via ela ajudando nas fichas, batia um documento quando precisava, na limpeza e os homens eram nos trabalhos mais pesados quando ia procurar um direito só quem resolvia era Chico Muliquim se ele não tivesse lá esperava por ele e até mesmo para perguntar uma informação só confiava nele, achava que a menina que trabalhava lá não sabia não só ele quem sabia.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

A convivência era boa no tempo que dizer não, respeitava todo mundo, quando ia trazer alguma coisa tudo recebia bem tanto homem como mulher, hoje ainda é assim recebe todo mundo bem, quando um documento tá errado explica bem direitinho as coisas tudo bom.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direitos no espaço sindical?

As dificuldades eram muita porque o sistema de governo na época no lembro quem era dificultava muito muito ele mesmo dizia lá não olhava muito pro trabalhador não, a falta de assistência, de equipamento para o trabalhador que não podia compra, cansei de lá e ver o povo pedindo muita coisa mais no via não era difícil as coisa, hoje as coisa ta mais fácil , a mulher recebe o dinheiro quando ganhei o menino, comprar uma moto vai lá e perde o desconto para emplacar mais barato, é assim e muitas coisa que o povo vai lá para conseguir.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Tudo era difícil tanto pra homem como pra mulher, mais para mulher ficava mais difícil, porque ficava mais em casa, para o homem ele se virava de todo jeito e a mulher não, ai quando começaram a ter direito a aposentadoria ela começaram a participar para conseguir a aposentadoria, salário maternidade e outro direito teve a irmã da “veriadora” que lutou para tirar Chico mais ele não perdeu não, ela era forte andava fazendo palestra nos sítios.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Acho que influenciou no sei dizer bem a você não.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

As atividades eram assim Chico era o presidente que tinha a função maior lá e tinha outros homens que trabalhava, mais quem resolvia as coisa só era Chico Muliquim, depois foi Zé filho dele, mais Chico sempre tava lá, e tinha Rosilene de Valdo, Francisca ela ajudava lá também nas fichas nos documentos.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

A discriminação era porque o trabalhador ia atrás do direito e não conseguia tinha vez, eu lembro quando fui para o INSS para me aposentar fui com a barba bem grande e uma roupa veia para conseguir mais ligeiro a aposentadoria, porque o homem lá olhava tudo, o povo do sindicato mandava agente ir assim, e outra foi minha filha teve quer ir também desarrumada para a entrevista porque se não eles dizia que não era agricultora.

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

Sabe por que acho que era questão da lei, porque ela não tinha antes direito não, e pouco mulher queria, ela no queria saber disso, o bicho era o homem mesmo, o homem era a fera. Na década de setenta e oitenta era difícil até um trabalho, porque ela mesma queria ficar em casa cuidando da casa e dos filhos e da roça, hoje é bem diferente ela da cambão nos homem no é verdade.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

Homem e mulher administrava do mesmo jeito, só antes era muito difícil, para arranjar as coisa para o pobre sofria muito quem não tinha condição, hoje as coisa estar mais fácil e ainda é difícil para o pobre para o trabalhador que vive da rosa, aqui mesmo no tem muito recuso não que vejo, precisa melhorar mais as coisa para o trabalhador.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

Fazendo uma avaliação à menina lá é muito boa é organizada, ela trouxe bastante coisa que antes não tinha para o trabalhador, e quem precisa chega lá ela ajuda no que for preciso para encaminha as coisas, hoje muita gente procura o sindicato pra conseguir as coisa.

ANEXO 10– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 08

Perfil Socioeconômico:

1 Qual é seu nome?

Entrevistado 04 - Homem

2 Qual a idade?

55 anos

Questionamento dos objetivos:

3 Como se deu a formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna? E como você chegou ao sindicato? Fale-me de sua trajetória.

A fundação do sindicato foi através de Vanduir, o ano não sei, sei que ta com mais de trinta, quarenta anos aberto o sindicato depois foi Chico Muliquim e agora é Creusa. Eu entrei aqui por Chico Muliquim, mais que comecei a trabalhar aqui já tacom nove anos, Creusa que mim chamou pra ser tesoureiro e fazer parte da chapa dela e já toaqui nove anos trabalhando sou tesoureiro trabalhando aqui junto com Creusa.

4 Quem era as pessoas que podiam ser associado e comandar a presidência e a secretaria do sindicato?

As pessoas podia associar tinha que ser agricultor, que ter documento da terra ou do patrão onde trabalhava a mulher também era assim tinha que comprovar que trabalhava na sua terra ou na de outra pessoa. Quem comandava naquele tempo era só os homens na presidência, pra ser tesoureiro tanto no tempo de Chico Muliquim como de Vanduir era só homem mulher não, a mulher ajudava nas fichas e em outras coisas aqui de dentro só era isso mesmo no fazia outra coisa não. No tempo de Creusa pra qui mudou muita coisa.

5 Como era a posição das mulheres e homem dentro dessa instituição?

A posição da mulher era assim como já falei no tempo de Chico Muliquim não tinha participação de jovens, de mulher na direção como hoje tem com Creusa, hoje tem trinta por cento de jovem, mulher, idoso e homem antes não tinha isso não, a mulher só era para arrumar as coisas, as fichas não tinha vez.

6 Como é a convivência de homens e mulheres dentro dessa instituição.

A relação e muito boa homem e mulher mesmo que uma família formando um conjunto atendendo o trabalhador no que for precisar antes era muito boa também no tem o que dizer não, tinha às vezes umas coisas mais resolvia.

7 Quais foram os limites e dificuldades encontradas pelos trabalhadores e trabalhadoras na luta por seus direitos no espaço sindical?

Para os trabalhadores hoje estar tudo mais fácil para conseguir as coisas pra eles, porque antes era tudo difícil para conseguir um direito dele, as coisas mudaram pra nós trabalhador antes quando chegava aqui não tinha banheiro para as necessidades, era uma casa velha toda acabada nem água tinha pra beber, era tudo desorganizado, e a mulher no tinha muito vez não só agora.

8 O que levaram as mulheres a lutar pelo espaço marcadamente masculino?

Levaram elas a lutar, era as dificuldades que elas passava aqui porque antes ela não tinha vez aqui dentro, tudo pra ela eram difícil, não tinha vez nenhuma, e por homem era também difícil porque no trazia nada era tudo difícil para o trabalhador. Essa luta foi também pelo grito da terra de João Pessoa e em Brasília, muita coisa mudou hoje temos uma presidente aqui mulher.

9 A luta de Margarida Maria Alves influenciou as Mulheres Uiraunenses na luta por direitos iguais dentro do espaço sindical?

Influenciou muito, eu fui até participar dessa coisa ai em João Pessoa, influenciou muito ela morreu na luta pelo trabalhador.

10 Como eram distribuídas as atividades no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uiraúna?

Era assim no tempo que entrei aqui tempo de Chico Muliquim eram mais homem na presidência, tesoureiro, secretario quase tudo só homem, mulher tinha mais só ajudava aqui na limpeza, nas fichas em algum mandado do presidente coisa pouca porque quem resolvia os mais pesados era os homens. Agora tem jovem, idoso, mulher e homem é uma lei agora sabe tem que ter.

11 Quais foram os tipos de discriminação sofridos dentro do espaço sindical?

Eu mesmo não sofri nenhuma não, só que as coisas era muito difícil pra o trabalhador conseguir as coisa pra ele, aqui não abria todos os dias quando chegava tava fechado, uma

casa velha, nem banheiro tinha para receber nos, não é do seu tempo aqui era assim hoje não é tu organizado, as menina e gente boa

12 Porque a persa das transformações econômica, política e social que vinha ocorrendo desde o século XIX no Brasil a mulher só vieram assumir o cargo de presidência no sindicato em 2003?

Sabe por que a mulher antes tinha muita chance não nas coisas, ai tinha dela que queria mais no tinha condições de enfrentar, porque tudo pra ela era difícil, não tinha quem desse a mão a ela não, porque na chapar o presidente já formava o dele e era tudo homem.

13 Como eram as formas de administração dos homens e das mulheres no espaço sindical?

Administração antes era um fracasso, era difícil abrir o sindicato os trabalhadores e trabalhadora não tinha muito vez, isso era uma desorganização só, recebia nós numa casa velha caindo os pedaço um quanto velho no é do seu tempo não, hoje tá mudado com Creusa tudo organizado.

14 Como você avalia a chegada da mulher a presidência do sindicato?

A chegada dela é muito bom eu sou muito entrosado com ela, com Creusa, quando entrou mim chamou pra fazer parte da chapa dela e estamos aqui junto pra ajudar os trabalhadores eu mais ela aqui eu tesoureiro e Zé vice Josélia secretaria e as meninas ai tudo organizado.